

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RODRIGO BRAGA DO COUTO ROSA

**HOMOFOBIA E ESPORTE NA
PRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO
FÍSICA BRASILEIRA (1979-2007)**

Campinas
2008

RODRIGO BRAGA DO COUTO ROSA

**HOMOFOBIA E ESPORTE NA
PRODUÇÃO DA EDUCAÇÃO
FÍSICA BRASILEIRA (1979-2007)**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Carmen Lúcia Soares

Campinas
2008

RODRIGO BRAGA DO COUTO ROSA

**HOMOFOBIA E ESPORTE NA PRODUÇÃO
DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA
(1979-2007)**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação defendido por Rodrigo Braga do Couto Rosa e aprovado pela Comissão julgadora em: 28/11/2008.

Carmen Lúcia Soares
Orientador

Helena Altmann
Banca Examinadora

Campinas
2008

Dedicatória

Dedico este trabalho às bichas, às sapas, às fanchonas, às travas, às trans, às bis, às monas de ekê, às machudas, às bofes, às minas que me amedrontaram e fascinaram ao longo da vida. Dedico àquelas que dividiram as quadras comigo e que povoaram meus sonhos mais ou menos molhados, que me ensinaram sobre as mazelas do mundo e me ajudaram a entender das delícias de lutar por transformá-lo. Dedico àquelas que ousaram inserir pluralidade nos espaços esportivos e também a todas aquelas que o esporte afugentou, inferiorizou, ridicularizou ou tentou normalizar, enquadrar, padronizar. Dedico a todas aquelas que se orgulham de ser chamadas de “aquelas”, que se inflam com a potência guardada nas feminilidades dos “as”, assim, plurais.

Agradecimentos

Os trabalhos, sejam eles quais forem, são sempre, em alguma medida, coletivos. Ainda que as formalidades constriam e alguém os assinasse, eles são incapazes de esconder esta condição de obra de muitas mentes, vontades e suores. Este trabalho dispensa os subterfúgios, os escamoteamentos e ensaia um verbo rasgado, tanto para revelar as muitas mãos que o compuseram quanto para expor seus argumentos.

Quando esta pesquisa não era nem promessa, quando ela não passava de um trabalho de uma aula de história, Carminha percebeu potencialidades e foi sua grande incentivadora. Passaram-se algumas semanas enquanto digeriu a surpresa de ter sido incentivado por Carmen Lúcia Soares, alguém com imensa importância na história da Educação Física. Susto aplacado, veio o tempo de uma aproximação entre professora e aluno, depois orientadora e orientando até que chegamos ao terreno da amizade.

Mas chegar a este encontro só foi possível porque, anos antes, decidi e acho que foi numa manhã daquelas, com uma ressaca esplendorosa, voltar à universidade. Fazer outra graduação, cumprir compromissos com leitura de textos, presença em aulas, composição de trabalhos, mas também alinhando-me politicamente, ocupando espaços de representação discente, disputando e gerindo Empresa Júnior, Centro Acadêmico ou Diretório Central de Estudantes, fazendo greve, ocupando reitorias, conquistando bolsas de estudos, participando de programas de apoio didático. Quando decidi por esta aventura incrível e tive aos meus ouvidos, sussurradas, palavras de apoio imprescindíveis. Meu companheiro querido, Álvaro, sabia desde o início que, ao dizer “Vai ser gauche na vida!”, estava assumindo passar noites em claro, sentar-se por horas digitando meus textos confusos, dando colo e afagos para aplacar minhas angústias, mas também compartilhando as excitações e as maravilhas. Dividir meus dias com este grande companheiro tem sido sublime.

Mas antes de decidir por arriscar por estes rumos, acompanhei meu irmão se encontrando como educador físico e minha irmã brilhando como profissional da dança. Vi meu pai trabalhar sempre, apaixonadamente e minha mãe, professora, lutar pela dignidade, tão ameaçada, desta profissão. Antes ainda, lá atrás, não sei bem quando, minha Tia Loló, também professora e também educadora física, colocou-me uma bola nas mãos e foi paciente para me ensinar, para além de gestos técnicos, a delícia de jogar, agrupar-se, dialogar, decidir junto, conjurar outro tempo e espaço e divertir-se.

Entre lá e cá, a infância esportiva e a entrada na FEF, veio a militância, o movimento político que provocou meu deslocamento para esquerda. Conquistei outros sentidos para a vida, empurrar o mundo para uma configuração que valorize a diversidade. Tanta gente que me ensinou a ser bicha, com todos os sabores que esta condição carrega e constrói.

Nestas quase 2195 horas de curso, me refiz tantas vezes. Que delícia me sentir dinâmico, inconstante, plural. A quantos encontros devo essa maravilha!

Professores, colegas e funcionários. Uns já de casa, resolvidos no vinho ou na cerveja, outros do giz, das quadras e laboratórios.

Colegas de uma sala que já desde o início se anunciava desastrosa. Gente tão dispare, agrupada. Não produzimos muitos consensos, mas soubemos sempre como convidar a democracia para os nossos calorosos debates. Gente que se assustou com minhas camisetas nos primeiros dias de aula que mostravam rostos andróginos ou que falavam em prol de sapas ou trans, mas que com o tempo passaram discutir sexualidade e até a defender a pluralidade de gêneros, corpos e desejos. Umas mais, outros menos, mas certamente, caminhamos todas. Foram tantas as conversas, fora e dentro das disciplinas que não só parece justo apresentar esta monografia se dividir assim, amplamente sua autoria.

Às mais chegadas, mais movimentadas, mais à esquerda, minha vontade imensa de seguir junto.

Aos muitos profissionais que este tempo cuidaram dos espaços, dos livros, da papelada, tantas vezes incógnitos e desvalorizados, agradeço.

Agradeço também á Helena Altmann, “minha banca”, grande incentivadora que entre aulas e partos encontra fôlego para discutir e valorizar as diferenças.

Por fim, rendo homenagem aos pesquisadores/autores que dedicaram suas linhas às discussões sobre preconceitos, discriminações, sexualidades, gêneros, estereótipos. Os devassos, que deram vozes aos desejos abjetos, aos corpos aterradores, às experiências desterradas e re-territorializadas. Aos historiadores, artífices dos tempos e das narrativas. Aos romancistas deslizantes. Aos Prousts, Foucaults, Trevisans, Altmans, Soares, Guttmanns, Brachts, Saramagos, Garcia Marques, Lobatos, Rios, Duprés, Abreus, Butlers...

ROSA, Rodrigo Braga do Couto. **Homofobia e Esporte na Produção da Educação Física Brasileira (1979-2007)**. 2008. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

Nos jogos intercursos da UNICAMP de 2006, um estudante componente de uma das equipes de voleibol foi sistematicamente atacado pela torcida adversária, que escolheu sua pretensa homossexualidade como foco de uma campanha verbal de destabilização emocional. Deste breve relato, depreende-se um encontro corriqueiro entre homofobia e esporte. Corriqueiro porque um número substancial de periódicos de circulação impressa e virtual constitui-se em fonte inexaurível de exemplos de discriminação ligada ao esporte, que têm a particularidade de se valerem da depreciação de manifestações da sexualidade que divergem da norma heterossexual. Mas será que a produção científica na área de Educação Física deu ouvidos à esta explosão discursiva? A análise de fontes como os Anais dos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte, dos Encontros Brasileiros de História do Esporte, Lazer e Educação Física e Dança, e a Revista Brasileira de Ciências do Esporte, apontam para um ambiente silencioso de onde emergem parcos e esparsos ruídos. Este trabalho relaciona e problematiza indícios de manifestações homofóbicas encontrados na produção acadêmica em Educação Física, com reflexões de autores que compreendem os mecanismos da relação *homofobia e esporte* como reforçadores ou confrontadores de uma ordem sexual hegemonicamente heterossexual, masculina e viril.

Palavras-Chaves: Homofobia; Esporte; Educação Física, CBCE

ROSA, Rodrigo Braga do Couto. **Homophobia and Sport in the production of Brazilian Physical Education (1979-2007)**. 2008. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

During the main sportive competition involving groups from different courses of UNICAMP, in 2006, a student, member of one of the volleyball teams, was systematically attacked by the opponent cheering crowd, which had chosen his homosexuality as the center of a verbal campaign, aiming to emotionally unbalance him. This short story brings up a very usual encounter between homophobia and sport. Usual, because a substantial number of similar passages broadcast in virtual and printing means of communication constitute a great source of examples of discrimination related to sport, which are characterized by the depreciation of the manifestations of sexuality that differ from the heterosexual norm. Although, has the scientific production of Physical Education already turned its attention to this discursive storm? The analysis of sources, as the compilation of articles of the Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte, Encontros Brasileiros de História do Esporte, Lazer e Educação Física e Dança and Revista Brasileira de Ciências do Esporte point to a silent environment from which emerge rare discourses. This research confronts these scarce homophobic manifestations found in the academic production of Physical Education with the theory elaborated by authors, who understand the mechanisms linking homophobia and sport as reinforcing or confronting elements of a sexual order, in which heterosexuality, masculinity and virility are hegemonic.

Keywords: Homophobia, Sport, Physical Education, CBCE

SUMÁRIO

1 Do que sempre estive ao pé do ouvido	10
2 Problematizando a escuta	17
3 O caminho da escuta	26
4 Silêncio	28
5 Ruídos estrondosos	29
6 Escutando o entredito	37
7 Perguntas para logo mais	50
Referências bibliográficas	52

1 Do que sempre estive ao pé do ouvido

“É legítimo observar que a leitura da história do mundo se articula sobre uma vontade de transformá-lo.”

Jacques Le Goff (2003, p. 11)

Início este texto revelando uma condição plural. Ele cumpre, ao mesmo tempo, a função de atender às exigências acadêmicas de apresentação de um trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Educação Física, e vem também ao encontro da vontade de dar voz acadêmica à temática da homofobia. Ativista pela valorização da diversidade sexual há mais de 7 (sete) anos e estudante da FEF¹ há quase 4 (quatro), recupero e reelaboro nesta pesquisa, inquietações que trago comigo há muito tempo e que vêm se cruzando, num campo e em outro, diante de meus ouvidos.

Este entrecruzar mostra, em alguma medida, que talvez não seja mesmo o pesquisador que simplesmente elege seus temas. Em alguma curva insondável do mundo, os temas parecem também tramar e escolher seus artesãos. Comigo creio ter sido assim, mais um encontro do que uma escolha criteriosa e racionalizada de um acadêmico, dentre as muitas temáticas possíveis.

Não me recordo exatamente quando, mas, em uma sala de aula, bem antes dos 10 (dez) anos de idade, recebi o apelido de “mariquinha”, sem sequer imaginar os múltiplos significados que o vocábulo carregava, mas já percebendo, desde aquela primeira vez, que tal nome era motivo de riso e que, de alguma maneira, aquela pecha me diminuía aos olhos da maioria.

Anos depois, jogando voleibol pela escola em que estudava, em um campeonato regional, fui alvo da cantoria homofóbica da torcida adversária. Entoavam “Olha a cabeleira do Zezé...será que ele é...será que ele é...bicha!”² e muitos outros vocábulos/xingamentos que acabaram por

¹ Faculdade de Educação Física - UNICAMP

² Marchinha de carnaval composta em 1964 por João Roberto Kelly. Em entrevista para o site Bafafá Online, Kelly afirma que a composição não foi elaborada referindo-se aos homossexuais. Segundo o músico, a marchinha tratava do modismo dos cabelos compridos para os rapazes e só ganhou a associação com as bichas quando Sílvio Santos, apresentador de televisão, passou a cantá-la em seu show de auditório, como estratégia para “esquentar” o programa [sic]. Ver RICARDO RABELO (Brasil) (Ed.). **Bafafá Online**. Disponível em: <http://www.bafafa.com.br/noticias.asp?cod_categoria=6&cod_subcategoria=0&cod_noticia=285>. Acesso em: 11

desestruturar-me a ponto pedir para que fosse substituído. Pensei que deixar a quadra e não mais contribuir diretamente para a busca da vitória do meu time, pudesse aplacar a sanha daqueles 4 ou 5 meninos, mas estava enganado. O jogo deixou de importar para eles e a perseguição a mim, ou à bicha da vez, prosseguiu até a intervenção de um dos organizadores.

Já cursando Educação Física, outros episódios mantiveram meus ouvidos afinados para o encontro entre manifestações de homofobia e práticas esportivas. Nas eliminatórias das “Olimpíadas da Unicamp³” de 2006, durante um jogo de voleibol masculino, o técnico de uma das equipes, estudante de Educação Física desta mesma universidade, foi alvo de ataques verbais sistemáticos desferidos pela torcida adversária, que faziam referência à orientação sexual homossexual, a identidade gay e às práticas sexuais entre dois homens, com o intuito de inferiorizá-lo publicamente e, desta maneira, desestabilizá-lo emocionalmente. A utilização de vocábulos como “viado” ou “bichona”, mais uma vez, não explicitavam uma condição da sexualidade humana num exercício de adjetivação positivado. Ao contrário, tais palavras foram escolhidas dentre muitas possíveis, como xingamentos, como instrumentos que visavam macular a imagem de homem viril, em posição de autoridade (técnico da equipe), que poderia conduzir outros jovens ao triunfo esportivo. A estratégia consistia em associar o estudante/técnico à homossexualidade, o que implicaria a alocação de sua individualidade a um espaço ainda socialmente entendido como vergonhoso, abjeto, marginal, menos humano.

No ano seguinte, durante as Calouríadas da UNICAMP⁴, trabalhei como árbitro de partidas de voleibol e presenciei mais de uma torcida entoando cânticos que atribuíam a condição de “viadinho” a jogadores de equipes adversárias. Em todas as ocasiões, interrompi as partidas e

set. 2008. O vocábulo bixa/bicha, grafado com “x” ou com “ch” será utilizado, ora de uma forma, ora de outra, respeitando a maneira que aparecem nos textos aqui referenciados. Não farei uma opção por um nem por outro, reservando-me a possibilidade de usar os dois, por entender que se configuram, ora como sinônimos entre si, e também de outros termos como “viado”, “maricas”, etc, ora como marcadores da diferença, da pluralidade de nomeações de sujeitos e práticas que divergem da heterossexualidade.

³ As Olimpíadas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) são eventos realizados anualmente, estruturados nos moldes dos Jogos Olímpicos modernos, em que estudantes de cada curso compõem delegações que competem em modalidades coletivas e individuais. Ver LIGA DAS ATLÉTICAS DA UNICAMP (Campinas).

Olimpíada UNICAMP 2008. Disponível em: <http://olimpiadaunicamp08.blogspot.com/2008_10_01_archive.html>. Acesso em: 13 ago. 2008.

⁴ As Calouríadas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) são eventos anuais que surgiram em 1990, por iniciativa de alunos da Faculdade de Educação Física e que se constituem em competições esportivas, também estruturadas sob os moldes dos Jogos Olímpicos modernos. Durante meses, no primeiro semestre de cada ano geralmente entre 12h e 14h, em dias letivos, equipes de diferentes cursos formadas por alunos ingressantes competem em modalidades esportivas, como voleibol, basquete, futsal, tênis-de-mesa, atletismo, natação. Para informações sobre a gênese destas competições, ver ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA XV DE JULHO (Campinas). **História**. Disponível em: <<http://aaaxvdejulho.com.br/content/view/15/45/>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

explicitamente às torcidas minha desaprovação diante de quaisquer atos de machismo, racismo ou homofobia, lançando mão da autoridade conferida pela condição de árbitro, para estabelecer punições que poderiam chegar ao pedido de desclassificação da equipe, em casos de reincidência. Presenciei outros árbitros, tanto do futsal, quanto do voleibol, tomando atitudes semelhantes, mas jamais tive acesso a qualquer informação de que as instituições envolvidas nas organizações destas competições houvessem tomado medidas de combate às discriminações.

Para além de histórias como estas, que recolhi de minha memória, abundam outras manifestações homofóbicas associadas a práticas esportivas e registradas pelos meios de comunicação impressa e virtual: um jogador de futebol inglês assumidamente gay foi afastado do esporte e se suicidou⁵; um juiz de direito brasileiro sugeriu que homossexuais montassem suas próprias equipes, federações e competições e pelejassem entre si⁶; um destaque da Super Liga Brasileira de Voleibol acusou o técnico da seleção nacional de excluí-lo da equipe olímpica em razão de sua homossexualidade⁷; uma jogadora da seleção de futebol da África do Sul, ícone lésbico de seu país, foi estuprada e assassinada⁸. Notícias nem um pouco raras e que sempre chamaram minha atenção enquanto militante e desde alguns anos, enquanto um educador físico em formação.

Por isso, ao longo do curso, enquanto muitos dos meus colegas de sala encontravam-se aflitos por não terem selecionado, dentre tantas inquietações que se apresentavam, um problema que pudesse ser desdobrado em pesquisa e estruturado em monografia, eu manifestava outras preocupações. Já sabia que me dedicaria às relações entre os dispositivos da homofobia e do esporte, mas tinha muitas dúvidas sobre as perspectivas teórico-metodológicas que escolheria para fazê-lo. Foi então em uma aula de História do Esporte e da Educação Física, ministrada pela professora Carmen Lúcia Soares, que uma resposta começou a se configurar. Neste momento, mais uma vez, as decisões foram produto de um encontro. Carminha, como carinhosamente a chamo, ao analisar a produção acadêmica em Educação Física em busca de diálogos para seus temas de pesquisa, havia percebido uma lacuna, uma ausência, um silêncio, ao não encontrar, nos

⁵ Ver GONLINE. **Inglaterra: Jogadores de futebol fazem campanha anti-homofobia**. Disponível em: http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/gnews/gnews_noticia_20560.htm. Acesso em: 12 abr. 2008.

⁶ Ver FOLHAONLINE. **Leia a íntegra da sentença envolvendo o jogador Richarlyson**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u317519.shtml>. Acesso em: 18 abr. 2008.

⁷ Ver VEJA. **“Sou gay e jogo como um homem”**. Disponível em: http://veja.abril.com.br/310399/p_070.html. Acesso em: 18 abr. 2008.

⁸ Ver GONLINE. **Jogadora lésbica da seleção de futebol da África do Sul é assassinada**. Disponível em: http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/gnews/gnews_noticia_20645.htm. Acesso em: 06 maio 2008.

espaços de registro das pesquisas nesta área, trabalhos que versassem sobre as discriminações homofóbicas. Do seu pré-diagnóstico e da nossa vontade de tratar do assunto resultou o embrião desta pesquisa.

Aquele silêncio que chamara a atenção de Carminha, seria alvo agora do escrutínio da pesquisa histórica. Será que a produção científica na área de Educação Física havia cerrado seus ouvidos para esta explosão discursiva que os exemplos acima atestam ser tão evidente? Foi esta a pergunta que nos guiou inicialmente.

Mas se a escuta recairia sobre as pesquisas realizadas em Educação Física, este trabalho seria então uma revisão de bibliografia? Desde o princípio entendi que não. Não, porque olharia para o passado sob os ditames de perguntas motivadas por um problema do presente. Tratar-se-ia de ancorar o presente na história, como queria Marc Bloch (2001). Além disso, configurava-se um trabalho de História, porque os textos das pesquisas em Educação Física foram sempre encarados como fontes, desde o início constituídos desta maneira, como guardadores de vestígios que revelariam relações entre homofobia e esporte, no tempo. Revelação construída pelas interrogações que faria, por questões que proclamaria. Como afirma Eliane Marta Teixeira Lopes, as fontes passam a existir, quando alguém as seleciona e as interroga e isso só é possível se este alguém, que pode ou não ser “um historiador de carteirinha”, tiver um problema e dispor-se a problematizá-lo⁹. Se para muitos pesquisadores, artigos publicados em periódicos, como a Revista Brasileira de Ciências do Esporte, são referenciais teóricos, para este trabalho não deixaram de ser, mas além disso e, principalmente, foram constituídas como fontes.

O que deles poderia emanar sobre as relações entre homofobia e esporte? Menções explícitas sobre o tema? Nestes casos, sobre que conceitos de homofobia se erigiam? Que diálogos eram possíveis quando estas ocorrências eram confrontadas? E quando as fontes silenciavam? Era silêncio mesmo o que produziam? Ou, afinando os ouvidos seria possível escutar ruídos reveladores? Que perguntas fazer para que se tornassem inteligíveis? Que reflexões poderiam surgir a partir destas emanações fugidias ou coadjuvantes? E quando se fazia o silêncio, que revelações poderiam constituir-se a partir do que se ocultou, dos interditos, das lacunas, as ausências? Enfim, que narrativa histórica poderia ser construída a partir do que foi dito e o que não foi dito sobre a homofobia nas práticas esportivas?

⁹ LOPES, Eliane Marta Teixeira. Métodos e Fontes na História da Educação e Educação Física. In: **Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**, Belo Horizonte, p.35-49, 1996.

Interrogações que, no percurso de leituras, reflexões e escritas, mais se multiplicaram do que resultaram na elaboração de respostas, entrelaçando-se em uma narrativa que não se pretende totalizante, porque outras muitas podem se justapor, contrapor ou sobrepor a ela e porque não esconde as escolhas, as seleções ao longo do caminho e as limitações que possui.

Para iniciar a construção de respostas àqueles questionamentos foram instituídas como alvo de análise: as Revistas Brasileiras de Ciência do Esporte (RBCE), desde seu primeiro número datado de setembro de 1979 à sua edição de setembro de 2007, totalizando 85 volumes regulares, além de uma edição especial comemorativa e outra suplementar; os Anais dos Congressos Brasileiros de Ciência do Esporte (CONBRACE), em suas quinze edições, e os Anais dos Congressos Nacionais de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança (CNHELEFD), até sua sétima publicação¹⁰. Tais fontes documentais foram selecionadas, tendo em vista a relevância que possuem para a área acadêmica de Educação Física configurando-se como lugares possíveis da memória, relevando a emergência e a visibilidade de muitos problemas, objetos, abordagens e histórias da Educação Física e do esporte. (Soares, 2003, p.125).

Durante o percurso desta pesquisa, fui percebendo um movimento interessante. Dividindo cotidianamente as reflexões que vinha fazendo, com colegas, especialmente da área de Educação Física, seja nas aulas, nas conversas de bar ou em mesas nas bibliotecas, acabei percebendo que apurava a escuta de outras pessoas para o meu tema, ao mesmo tempo em que me abria às discussões de outros pesquisadores. Este intercâmbio materializou-se tanto em conversas mais específicas sobre metodologias e referências bibliográficas quanto na leitura crítica de textos em construção – especialmente aqueles ligados ao Grupo de Pesquisa Corpo e Educação (CORPO) – ou na troca de sugestões de autores e livros. Se encontrei textos que contribuíram para outras pesquisas que chegaram aos meus ouvidos, também recebi outros que abriram caminhos para o meu percurso acadêmico¹¹. Tais pesquisas não foram incorporadas à análise neste trabalho, ou

¹⁰ O nome deste Encontro sofreu duas modificações ao longo de sua existência. Sua primeira edição recebeu o título de I Encontro de História da Educação Física e do Esporte, já do segundo ao quinto Encontro passaram a ser nomeados Encontro Nacional da História do Esporte Lazer e Educação Física. Na sexta edição passou a intitular-se Congresso Brasileiro de História do Esporte Lazer e Educação Física e do sétimo ao décimo Congresso realizado, agregou-se Dança ao título resultando em Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer Educação Física e Dança. O décimo e último a ser analisado nesta pesquisa - ocorrido em 2006, em Curitiba /PR – recupera a palavra “nacional”, intitulando-se Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança. Neste texto, quando se fizer referência à fonte, será utilizada a nomenclatura da edição do evento em questão.

¹¹ Há menos de um mês, chegou-me uma dissertação de mestrado SANTOS, Luciene Neves. **Corpo, Gênero e Sexualidade: educar meninas e meninos para além da homofobia.** / Luciene Neves dos Santos. – Florianópolis:

por não ter tido acesso aos textos em que foram consubstanciadas ou porque me chegaram depois de findado este meu exercício de escrita.

Por outro lado, durante o processo de pesquisa, a problematização das fontes, especialmente das referências bibliográficas nelas encontradas, e o intercâmbio com colegas a que me referi acima, conduziram a dois artigos, publicados nas Revistas *Movimento*¹² e *Motrivivência*¹³, que traziam em seus títulos a palavra “homossexualidade” associada ao campo da Educação Física e do esporte. Se as fontes determinadas pelo projeto não incluíram estes dois outros veículos de divulgação da produção acadêmica, tampouco parecia interessante, ater-se a uma rigidez ‘positivista’ e desprezar estes indícios que o percurso revelara. Esta aparente flexibilização metodológica justifica-se porque não se pretendia aqui realizar uma enumeração ou uma compilação de eventos onde a homofobia tivesse sido anunciada na produção científica da Educação Física, mas buscar indícios da discussão sobre as manifestações homofóbicas no esporte de modo a enunciar relações possíveis entre os fenômenos.

Este trabalho constitui-se, portanto, como uma narrativa sobre uma temática cada vez mais cara para as discussões acadêmicas contemporâneas das Ciências Sociais, da História, da Psicologia e também da Educação Física. Uma narrativa histórica tributária de encontros com a perspectiva foucaultiana do dispositivo da sexualidade, com a compreensão do esporte como um fenômeno da modernidade, múltiplo e complexo e com concepções que articulam gênero, corpo e desejo de modo a produzir inteligibilidades sobre as experiências humanas que problematizam dicotomias e hierarquizações configuradoras de um arranjo social hegemonicamente heterossexual e falocêntrico.

Para tanto, realizei, inicialmente, o levantamento e a análise de bibliografia que trata tanto das relações entre homofobia e esporte, assim como de textos que versam especificamente sobre

Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. 136 f.: il.; meses antes assiti uma comunicação oral do Prof. Dr. Carlos José Martins, sobre gênero, corpo e sexualidade no esporte olímpico; um ano atrás, fui interpelado por uma outra estudante de graduação durante o V Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual, realizado em Goiânia, em novembro de 2007, que me relatou sobre a dificuldade em encontrar referências à respeito das relações entre homofobia e esporte na bibliografia que acessara para sua pesquisa sobre as discriminações ligadas às sexualidades nas equipes de futebol feminino.

¹² CUNHA Jr., Carlos Fernando Ferreira e MELO, Victor Andrade. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações **Movimento: Revista da Escola de Educação Física**, Porto Alegre, ano III, n. 5, p. 18-24, fev. 1996.

¹³ ROSA, Marcelo Victor. Educação Física e Homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos da UFSC. **Motrivivência: Educação Física, Esporte, Lazer e Gênero**. Florianópolis, ano XIII, n. 19, p.121-132, dez. 2002.

o fenômeno esportivo e outros que discutem o conceito de homofobia e temas correlatos como sexualidade, gênero, identidades sexuais e heteronormatividade¹⁴.

¹⁴ O conceito de heteronormatividade apresenta-se como aquele desenvolvido em WARNER (1993). Na tradução de JUNQUEIRA (2007, p. 64) “consiste em um rico arsenal de normas, injunções disciplinadoras e disposições de controle obsessivamente voltado a estabelecer e impor padrões normalizantes no que concerne à sexualidade e a tudo o que a ela, direta ou indiretamente dizer respeito”.

2 Problematizando a escuta

“Não somente assistimos a uma explosão visível de sexualidades heréticas, mas, sobretudo – e esse é o ponto importante – a um dispositivo bem diferente da lei: mesmo que se apóie localmente em procedimentos de interdição, ele assegura, através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades desparatadas” (FOUCAULT, 1988, p. 48).

Esta afirmação do filósofo francês Michael Foucault descreve processos históricos desenvolvidos nas sociedades ocidentais desde fins do século XVIII, que localizaram a inserção da sexualidade em sistemas de regulação social. Por meio de um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais articuladas com diferentes elementos de regulação da vida social, como enunciados científicos, proposições morais e filosóficas, formas arquitetônicas e instituições, articulam-se os processos que criam sujeitos normais, adaptados, hegemônicos e outros ilegítimos, rotulados como anormais e alocados à margem social (MISKOLCI, 2007, p. 3).

Foucault (1988) recupera muitos discursos, dentre eles o da psiquiatria de meados do século XIX, para mostrar o movimento que possibilitou a emergência da norma e de uma multiplicidade de desvios e desviantes:

“Como são espécies todos esses pequenos perversos que os psiquiatras do século XIX entomologizam atribuindo-lhes estranhos nomes de batismo: há os exibicionistas de Lasègue, os fetichistas de Binet, os zoófilos e zoerastas de Krafft-Ebing, os aumonosexualistas de Rohleder; haverá os mixoscopófilos, os ginecomastos, os presbiófilos, os invertidos sexoestéticos e as mulheres disparênicas.” (FOUCAULT, 1988, p. 44)

Assim, esta captura da sexualidade pela proliferação dos discursos estabeleceu um espaço para a “normalidade” a partir da configuração de tipologias periféricas, pela incorporação das perversões, pela especificação dos indivíduos.

Neste sentido, de acordo com Anne Fausto-Sterling (2002), Peter Fry & Edward MacRae (1985) historiadores indicam simbolicamente o ano de 1869, como aquele em que conceitos de “homossexualidade” e “homossexual” ganharam notação, tanto pelas mãos do médico húngaro Karoly Maria Benkert, quanto por psiquiatras alemães como Karl Heinrich Ürichs e por

reformadores do direito de mesma nacionalidade que lançaram mão da palavra homossexualidade ao tentar modificar as leis anti-sodomia daquele país¹⁵.

Agregava-se ao imaginário predecessor dos sodomitas, pecadores, hereges, centrado nas práticas condenáveis como anti-naturais, o estatuto médico-jurídico do desvio, ou melhor, do desviante, porque, como assinala Foucault (1988, p. 43), para os interditos de cunho religioso o autor/pecador “não passava de seu sujeito jurídico”, enquanto que nesta nova ordenação, centrada na sexualidade, ele se torna uma personagem identificável. Alguém com um passado, uma história, um caráter duvidosos, mas também com morfologia, anatomia e até mesmo fisiologia misteriosas, alvo de esforços curativos e/ou práticas punitivas.

Neste trabalho não elejo uma destas categorias como chave de análise. Não se trata de discutir a homossexualidade, ou os/as homossexuais, por exemplo. Procuo, assim, não reduzir todos estes sujeitos ou performances, como propõe Butler (2003), a um ou outro tipo. Ao contrário, busco deslocar a discussão das identidades e nomeações fixadoras, abrindo-me para as problematizações e correspondências que elas incitam, entendendo que, quando alguém escreve sobre homossexualidade, por exemplo, não necessariamente refere-se à categoria patológica forjada no século XIX. Um professor de educação física, pode utilizar o vocábulo para referir-se a um garoto que apresenta gestualidade que ele considera como típica do universo feminino, enquanto uma mãe pode alcunhar desta forma sua filha que opta por jogar futebol ou ainda uma estudante do oitavo ano do ensino básico pode utilizar o vocábulo para classificar uma colega que não tem mamas grandes, apresenta mais pêlos no corpo do que as demais e tem os cabelos curtos e que, portanto, trás no corpo características que ela reconhece como atribuídas aos machos da espécie. Estes exemplos ajudam a pensar nos mecanismos que operam na constituição do que Butler (2003, p. 109) chamou de matriz heterossexual. Um gesto, ou a preferência por uma modalidade esportiva, ou seja, manifestações sociais dos sujeitos, produzem inferências sobre os desejos e as práticas sexuais; elementos corporais que nublam as definições de machos e fêmeas, resultam em expectativas sobre os afetos e a orientação da atração sexual. Estas articulações entre as configurações dos corpos, as representações de gêneros e as manifestações do desejo de modo a referendar a heterossexualidade como norma e machezas e masculinidades hegemônicas como superiores a feminilidades autorizadas.

¹⁵ Ver FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em Duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17/18, 2002, p. 34. e FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O Que É Homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985. p. 62.

“Em outras palavras, não há razão para dividir os corpos humanos em sexos masculino e feminino, exceto que uma tal divisão é adequada às necessidades econômicas da heterossexualidade, emprestando um lastro naturalista à sua instituição” (BUTLER, 2003, p. 164).

Um outro exemplo me parece pertinente. Num domingo de sol, num parque municipal, no segundo semestre de 2007, um praticante de voleibol sentou-se ao meu lado para montarmos o time que jogaria a próxima partida. Como eu desconhecia as pessoas que lá estavam e ele já frequentava o espaço há mais tempo, mas não recordava dos nomes próprios de cada um, fomos compondo a equipe a partir das descrições que este meu colega fazia e que envolviam caracterizações relacionadas à sexualidade e qualidades referentes às performances técnicas de cada um: “a bicha poc-poc defende bem, o mais bofinho ataca de qualquer lugar, a trava tem mão boa”. Fui buscando identificar as pessoas às quais ele se referia, procurando localizar as categorias que utilizava. Quem ali era a bichinha mais “feminina”, mais “poc-poc”? Quem era mais “bofinho”? Quem era a “trava”? Não tive sucesso e ele acabou por apontar uma a uma. Este exemplo mostra como estas categorias possuem dimensões sociais e históricas, assim como sofrem um processo de singularização a partir das experiências de cada um. Na terceira ou quarta vez que voltei ao Taquaral, já havia me apropriado daquelas categorias, mas os bofinhos já não eram tão bofinhos, a bibinha já era a trava e a trava havia se bofizado. Eram todas homossexuais? Talvez assim, se dissessem e/ou assim fossem nomeadas quando acessassem um consultório médico, tentassem doar sangue ou assinassem uma petição pela aprovação de uma lei anti-discriminatória, atividades que comumente homogeneízam várias performances dos sujeitos sob alcunhas “oficiais”, mas em outros espaços seriam bibas, travas, bofes, passivas, homens, machos, ou heteros. Sujeitos com expressões múltiplas, performances localizadas, sempre valoradas, positiva ou negativamente por quem as vivencia e por quem as nomeia. Este exercício de observar o trânsito me parece mais interessante e é também a ele que este texto dá vazão.

Autores como Fry & MacRae (1985), Perlongher (1987), Trevisan (1998) (2007) e Green (2000) ajudam a pensar na de proliferação de tipificações identitárias para os desviantes tanto por médicos, sociólogos, psicólogos, juristas, desde o século XIX, como também na plurificação das nomeações forjadas nas ruas, becos, praças, cinemas, bares, festas ou camas. Se da academia, dos tribunais ou consultórios emanaram nomeações como “homossexual”, “uranista”, “onanista”, “pedófilo”, “homossexual ativo”, homossexual passivo”, “invertido”, “intersexo”, “transexual”,

“heterossexual”, dos parques, das saunas, dos jornais, das conversas informais, surgiram “entendidos”, “bicha”, “viado”, “passiva”, “bofe”, “mona”, “maricona”, “travesti” e tantas outras. Num sistema de correspondências marcado pela diferenciação e pela hierarquização dos corpos, práticas, representações e desejos, os tipos se multiplicaram e continuam se proliferando.

Para Berenice Bento (2006), as instituições estão aí, normatizando, policiando, vigiando possíveis deslizos, os deslocamentos. Mas os deslocamentos existem. Apresentam-se.

Nas palavras de Louro:

“Definir alguém como homem ou mulher, como sujeito de gênero e de sexualidade significa, pois, necessariamente, nomeá-lo segundo as marcas distintivas de uma cultura – com todas as conseqüências que esse gesto acarreta: a atribuição de direitos ou deveres, privilégios ou desvantagens. Nomeados e classificados no interior de uma cultura, os corpos se fazem históricos e situados. Os corpos são ‘datados’, ganham um valor que é sempre histórico e circunstancial. A significação que se lhes atribui é arbitrária, relacional e é, também, disputada. Para construir a materialidade dos corpos e, assim, garantir legitimidade aos sujeitos, normas regulatórias de gênero e de sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas. Essas normas, como quaisquer outras, são invenções sociais” (LOURO, 2004, p. 89).

Num jogo complexo de interdições, apropriações e ressignificações, novas experiências e subjetividades se constituem, não nomeadas, avessas às identificações, escapando dos paradigmas e questionando-os ao mesmo tempo.

“Todos estes movimentos, seja para se aproximar, seja para se afastar das convenções, seja para reinventá-las, seja para subvertê-las, supõe investimentos, requerem esforços e implicam custos. Todos esses movimentos são tramados funcionam através de redes de poder” (LOURO, 2004, p. 89).

Este arcabouço tributário do que tem se consolidado como “teoria queer”¹⁶ permite entender a organização social ocidental contemporânea erigida com base em uma matriz heterossexual, que ao mesmo tempo dá inteligibilidade e está fundamentada em uma divisão dicotômicas dos corpos ou sexos (machos e fêmeas); na compreensão de representações de gênero também dicotômicas que opõem dois campos (masculino e feminino); manifestações dos

¹⁶ Segundo Richard Miskolci o termo inglês queer tinha, originalmente uma conotação negativa e agressiva, referindo-se às pessoas que rompiam normas de gênero e sexualidade e foi ressignificado por um grupo de teóricos que, opondo-se aos estudos de minorias, privilegiou uma perspectiva crítica aos processos sociais normalizadores. Teresa de Lauretis foi quem primeiro empregou esta denominação – Teoria Queer - para destacar “o compromisso em desenvolver uma análise da normalização focada na sexualidade. Este movimento teórico nasce do encontro entre o pós-estruturalismo francês e uma corrente dos Estudos Culturais estadunidenses, problematizando noções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação, apontando para o caráter provisório, circunstancial e cindido das subjetividades (2007, p. 02).

desejos divididas entre aquelas orientadas para “o sexo oposto”, heterossexuais e procriativas e todas as demais diferentes destas. Surge espaço para posicionamentos críticos ao sistema de poder que nos faz crer que deve haver uma concordância entre gênero, sexualidade e corpo, esculpida a partir de contingências biológicas. Emergem esforços desconstruir fundamentações que afirmam que corpos identificados como fêmeas serão meninas, desempenharão papéis sociais destinados às feminilidades hegemônicas – como ser cuidadoras, emotivas, românticas, sonhadoras – e desejarão outros seres humanos, reconhecidamente machos, portanto homens, por conseguinte, masculinos e “naturalmente, desejosos delas. Aos bebês com falos, reservam-se expectativas como, de serem meninos e desenvolverem atividades, gostos afetos à esfera pública e ao comando e desejarem aquelas que tiverem o atestado de mulheres, ou seja, seres pertencentes ao “outro sexo”. Este encadeamento de expectativas, aqui simplificado, encontra-se organizado a partir de um entendimento de que há duas formas sexuais, a do macho e da fêmea, determinações biológicas que são assumidas a priori, como dadas e que a partir dela e com elas, representações de gênero e desejo devem corresponder de modo a garantir que encontros heterossexuais aconteçam. Presos a estas dicotomias, especialmente àquela referenciada no corpo, acabamos definidos pela nossa genitália. Sob uma base natural, espontânea, dada, desenvolver-se-ia uma sexualidade normal, se respeitadora da matriz heterossexual, e desviante, se algum aspecto – no corpo, nas práticas, representações ou desejos – se afastasse da receita.

De acordo com Marcelo Moraes e Silva (2008, p. 48), tal aporte teórico edifica-se a partir de críticas contundentes à concepções clássicas de gênero, na medida em que denuncia que esta importante ferramenta teórica (gênero), estrutura-se distinguindo-se da categoria sexo, o que manteria as discussões em perspectivas biologizantes. Problematizando posicionamentos já disruptivos, como os de Joan Scott, para quem “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e... uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1995, p. 86), Butler afirma que:

“[...] se o gênero é o significado social que o sexo assume no interior de uma dada cultura [...] então o que sobra do ‘sexo’, se é que sobra alguma coisa, uma vez que ele tenha assumido seu caráter social como gênero? [...] Se o gênero consiste dos significados sociais que o sexo assume então o sexo não adquire significados sociais como propriedades aditivas, mas, ao invés disso, é substituído pelos significados sociais que adota; o sexo é abandonado no curso dessa assunção e o gênero emerge não como um termo em uma permanente relação de oposição ao sexo, mas como um termo que absorve e desloca o ‘sexo’, a marca de sua substanciação plena no gênero ou aquilo que, do ponto de vista materialista, pode constituir uma plena dessubstanciação” (1999, p. 158).

Esta perspectiva descortina como as normas regulatórias do sexo atuam de maneira performativa para construir a materialidade dos corpos, para materializar a diferença sexual a serviço do imperativo heterossexual (BUTLER, 1999, p. 154).¹⁷

Foram as leituras acima mencionadas que levaram ao questionamento e conseqüente ampliação do conceito de homofobia, para além de suas formas mais explícitas como as exclusões, as adjetivações pejorativas ou as agressões de toda ordem, compreendendo este fenômeno também como dispositivo discursivo estruturante, propositivo e confirmador de uma ordem hegemonicamente heterossexual ou heteronormativa.

Inicialmente, quando da escrita deste projeto, o conceito de homofobia que norteava este trabalho estava referenciado na Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT)¹⁸, entidade nacional que congrega a maior parte dos grupos de militância do país e que compreende a homofobia como o medo, a aversão, ou o ódio irracional aos homossexuais: pessoas que têm atração afetiva e sexual para pessoas do mesmo sexo. Tal definição apontava incoerências típicas da tradição dos estudos identitários, centrados na idéia de identidades, já que se referia somente a homossexuais, ou seja, a gays e lésbicas, posicionando outras manifestações da sexualidade não-heterossexuais como livres das ameaças homofóbicas. Esta corrente teórica desdobrou-se em reivindicações pela multiplicação do conceitos de fobias referentes a diferentes expressões da sexualidade, como lesbofobia, transfobia, gayfobia, travestifobia, etc. Apesar de compreender a legitimidade desta vertente teórico-militante que busca explicitar as especificidades que os atos discriminatórios assumem diante de diferentes grupos sociais, opto por uma conceituação que guarda o paradoxo de unificar processos múltiplos sob um termo, mas de também ser ampla, já que fruto do olhar deslocado das identidades para as performances subjetivas e para as articulações entre corpo/sexo-gênero-desejo.

Para esta pesquisa, homofobia passa então a ser entendida como:

¹⁷ Um trabalho importante para esta discussão, desestabilizador de noções atemporais e essencializadoras da inteligibilidade acerca do dimorfismo sexual é o de Thomas Laqueur (2001), em que o autor localiza, especialmente no século XIX, a consolidação da transição de um modelo de “sexo único” que hierarquizava os sujeitos ao longo de um só eixo cujo ideal era masculino, para o paradigma dos sexos opostos hegemônico até o momento. Segundo Laqueur, articulações de mudanças políticas e epistemológicas permitiu que o entendimento de que os corpos se diferenciavam por graus de perfeição e os corpos sem falos eram inferiores, porque dotados de menor calor vital, desse lugar ao dimorfismo sexual que conhecemos.

¹⁸ Ver ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS LÉSBICAS E TRANSGÊNEROS (Brasil) (Org.). *Homofobia*. Disponível em: <www.abglt.org.br>. Acesso em: 06 set. 2006.

“Um conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo), que costumam produzir ou vincular-se a preconceitos e mecanismos de discriminação e violência contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros (em especial, travestis e transexuais) e, mais genericamente, contra pessoas cuja expressão de gênero não se enquadra nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade. A homofobia, portanto, transcende a hostilidade e a violência contra LGBT¹⁹ e associa-se a pensamentos e estruturas hierarquizantes relativas a padrões relacionais e identitários de gênero, a um só tempo sexistas e heteronormativos” (JUNQUEIRA, 2007, p.60).

Mas a palavra homofobia também tem história. Cunhada pelo saber científico atrelado à medicina e à psicologia, incorporada pela linguagem jurídica, atingiu esta configuração ampliada com o aporte dos estudos sócio-culturais.

De acordo com o “Dictionnaire de l’homophobie” (TIN, 2003), o termo homofobia já circulava nos anos 1960, mas sua primeira aparição escrita é creditada a K. T. Smith, a, autor do campo da psicologia que, em 1971, publica o artigo “Homophobia: A Tentative Personality Profile²⁰. Em 1972, George Weinberg²¹ a define como o temor, receio ou medo de estar como um homossexual em um espaço fechado. Em francês a palavra aparece pela primeira vez, em 1977, pela pena de Claude Courouve e em 1994, chega ao dicionário Petit Larousse como “rejeição da homossexualidade, hostilidade sistemática em relação aos homossexuais. Em meados da década de 1990, Daniel Welzer-Lang²² amplia o conceito e aproxima-se daquele escolhido para problematizar as reflexões deste trabalho, ao definir homofobia como quaisquer “formas de depreciação de qualidades consideradas femininas em homens e, em certa medida, de qualidades ditas masculinas em mulheres”, agrupando os atos de violência que atingem pessoas cujos desejos e práticas afastam-se da norma heterossexual e as agressões respaldadas na hierarquização dos gêneros. A principal divergência com a definição de Junqueira reside na concepção de gênero empregada, que pressupõe uma naturalidade para as condições de homens e mulheres sobre as quais se constituem “qualidades consideradas femininas e masculinas”. Como afirmou Deis Siqueira, no prefácio ao livro de Berenice Bento (2006), “A Reinvenção do Corpo”:

“Durante muito tempo, os estudos... em sua maioria, foram prisioneiros de uma dicotomia que limitou a compreensão dos processos relacionais, tensos, conflituosos,

¹⁹ LGBT é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros.

²⁰ SMITH, Kenneth T. Homophobia: A Tentative Personality Profile. Psychological Report, n.29, 1971.

²¹ WEINBERG, George. Society and the Healthy Homosexual. New York, St. Martin’s Press, 1972.

²² WELZER-LANG, Daniel. La Face Cachée du Masculin”. In: DORAIS, M., DUTEY, P. & WELZER-LANG, D. (dir.). La Peur de l’autre en soi. Montreal, VLB, 1994.

centrados em torno do masculino e do feminino... A identificação do patriarcado como expressão única, ou primordial, da subordinação feminina, levou a uma essencialização do feminino e à construção de um outro radical, absoluto: os homens [...] [...] Os estudos que propiciaram uma compreensão do gênero como uma categoria relacional resultante e promotora de disputas de poder é que apontaram os limites desta concepção dicotômica. Daí a dessencialização e desnaturalização das identidades de gêneros [...] (2006, p. 12).

Admito que este aporte da Teoria Queer, tanto me instiga, quanto me amedronta, já que as amarras da matriz heterossexual calcada nos conceitos dicotômicos e por isso reducionistas de sexo, gênero e desejo ainda aprisionam meu discurso, tanto quanto dos autores da Educação Física que analisei. Como para mim, aqueles que se aproximam dos estudos pós-modernos vez ou outra sucumbem às ciladas que as amarras dos essencialismos e as falácias da hermenêutica do sujeito armaram. Assumo todas as incoerências e deslizes e sigo adiante.

Esta pesquisa tem buscado identificar tanto indícios discursivos emanados destas sexualidades desviantes, disparatas, marginais, ilegítimas ou afetadas, quanto os dispositivos e imperativos que as alvejam e que entrecruzam o campo esportivo reforçando ou confrontando uma ordem sexual simbólica hegemonicamente heterossexual, masculina e viril.

Uma assertiva fundamental deste trabalho é que, dentre as instituições sociais que compõem a rede formativa das idéias que compartilhamos acerca de gênero e sexualidade, como a escola, a igreja e a família, também o esporte desempenha papel importante. O esporte, fenômeno moderno originado nas *high schools* inglesas do século XVIII a partir da ressignificação de práticas corporais populares e aristocráticas e caracterizado pela competição, pela institucionalização e regulamentação universalizantes (BRACHT, 2003), apresenta-se como dispositivo pelo qual garotos e homens aprendem masculinidades (assistindo ou vivenciando) e no qual qualquer traço de “fraqueza ou inaptidão” é equacionado pelo pensamento heteronormativo hegemônico como denotativo de homossexualidade ou feminilidade. (COOKY, 2006).

Este processo de pesquisa lançou-se, portanto, no desafio de promover uma investigação que problematizasse as apostas políticas que configuram o esporte como uma instituição vinculada ou calcada em uma heterossexualidade compulsória.

Buscas nas bases de dados do sistema de bibliotecas da UNICAMP evidenciaram o que as pesquisas prévias, realizadas quando da elaboração do projeto, já anunciavam: não há livros de caráter científico, publicados no Brasil, em língua portuguesa, que tratem de manifestações

homofóbicas no meio esportivo, ou que atentem para as possíveis relações entre o esporte e a constituição de arranjos sociais homofóbicos.

Já exemplos de textos estrangeiros que versavam sobre este encontro temático (homofobia e esporte) foram arregimentados, como as produções de Philippe Liotard (2003), Guylaine Demers (2006), Pat Griffin (1998), Cheryl Cooky (2006) e Eric Anderson (2005), que situam suas discussões em um sentido semelhante ao que este trabalho se propõe, problematizando o esporte como dispositivo reforçador de estruturas sociais que escamoteiam, silenciam (sempre que possível) e rechaçam manifestações plurais de identidades de gênero e de orientação sexual perturbadoras da ordem vigente: hegemonicamente heterossexual e com papéis de gênero (masculino e feminino) bem definidos (LIOTARD, 2003). Todavia, há divergências substanciais em suas análises. Se Cooky (2006) e Anderson (2005) restringem-se a discutir a hegemonia da masculinidade como geradora de atos e discursos homofóbicos, que repelem das práticas esportivas boa parte dos gays e lésbicas e relegam atletas homossexuais profissionais à condição de enrustimento e ao escuro dos armários²³, Demers (2006), Liotard (2003) e Griffin (1998) discutem as relações entre a homofobia e o esporte a partir de conceitos como masculinidades e feminilidades, heterossexismo e heteronormatividade. Diante destas novas perspectivas, já não tratam mais de identidades gays, lésbicas, travestis, transexuais ou bissexuais, mas versam sobre performances identitárias, dinâmicas e fluídas, que se aproximam ou se afastam de concepções historicamente constituídas de masculinidades e feminilidades.

Diante da constatação tanto da ausência de registros em livros nacionais sobre esta temática, quanto da efusão de discursos da imprensa de grande circulação e de autores estrangeiros que têm voltado atenção para a homofobia no esporte, reforçaram-se alguns questionamentos: será que a produção científica brasileira na área de Educação Física já dera ouvidos a esta explosão discursiva? Se não, como teria sido possível que, quase trinta anos de produção científica de uma área de conhecimento marcada pela interdisciplinaridade pudesse silenciar sobre um tema que os meios de comunicação de massa não cansavam de associar às práticas esportivas?

²³ Richard Miskolci, a partir das idéias de Eve Sedwick afirma que “o armário é uma forma de regulação da vida social de pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, mas temem as conseqüências nas esferas familiar e públicas. Ele se baseia no segredo, na ‘mentira’ e na vida dupla.” (MISKOLCI, 2007, p. 58).

3 O caminho da escuta

“o trabalho da historia não se inicia com a coleta dos fatos, antes disso, articula-se a consciência de que o fato histórico não é algo ‘positivo’, mas o produto de uma construção ativa que transforma a fonte em documento e daí em problema” (Le GOFF apud BLOCH, 2001, p. 19).

Reunir as fontes constituiu-se na primeira tarefa a ser efetuada, e o fato de tratar-se de material heterogeneamente organizado, a primeira constatação. Nem toda coletânea ou revista em questão encontrava-se individualizada e disposta organizadamente nas prateleiras das bibliotecas das universidades. Parte delas se confundem, já que alguns Anais dos CONBRACE foram publicados nas RBCE. Algumas fontes encontram-se publicadas em material impresso, outras disponibilizadas em CD-ROM²⁴.

Diante do material reunido junto à biblioteca da Faculdade de Educação Física da UNICAMP e ao acervo de professores e pós-graduandos da mesma instituição, constatei um outro aspecto que lhe conferia heterogeneidade. O conteúdo destes anais, coletâneas e revistas não se constitui somente de artigos originais, mas também por artigos de revisão, resumos de temas livres e painéis apresentados nos Encontros e Congressos, textos estruturados na forma de cursos e transcrições de palestras, seminários e apresentações que compuseram mesas de discussão de Congressos e Encontros.

Além disso, se os Anais e Coletâneas de artigos dos Congressos Nacionais de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança, trazem apenas textos referenciados nas ciências humanas, especialmente na história, o mesmo não acontece com os Anais dos CONBRACE e com as edições das RBCE, que abrangem trabalhos cujas temáticas, fundamentações epistemológicas, objetos de estudo ou metodologias afastam-se do campo das humanidades. Um dilema se impôs: deveria acessar todos os textos ali presentes? Ou decidiria por selecionar apenas

²⁴ Onze das Revistas mencionadas acima, incluindo sua edição suplementar de setembro de 1981, trouxeram em suas páginas os Anais do primeiro (1979) ao décimo - primeiro CONBRACE (1999). Os registros da décima – segunda à décima – quarta edição do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte foram organizados separadamente em CD-ROM.

aqueles cujos referenciais teóricos os posicionassem em áreas de conhecimento que mais tradicionalmente vinham dedicando atenção às temáticas afetas às relações sociais? Por outro lado, o que garantiria que textos que versassem sobre treinamento desportivo, não apresentariam referências à homofobia? Fez-se necessário, desde o princípio estabelecer um caminho metodológico, uma seqüência de critérios e escolhas.

4 Silêncio

Na continuidade deste percurso, realizei a leitura de todos os títulos presentes nas fontes, desde aqueles apresentados em sumários ou programações dos encontros e congressos, até outros seguidos de resumos ou artigos completos, editoriais, transcrições de palestras, seminários ou conferências. Busquei identificar menções explícitas à homofobia entre os títulos que versavam sobre esporte, mas nenhuma ocorrência foi verificada. Evidenciou-se um silêncio assombroso. Em um universo de mais de 6000 títulos, o substantivo homofobia, ou seu adjetivo variante “homofóbico(a)” não fora mencionado nem mesmo uma vez.

Esta mudez revelava, por um lado, a desatenção de um campo do conhecimento científico para com uma temática que já encontrava ampla tradição nas ciências humanas, por outro parecia instigar escutas ao mesmo tempo mais finas e amplificadas. Integrou-se aos critérios desta fase da análise, a observância, tanto a palavra homossexualidade, quanto de suas variações: homossexual, homossexualismo, ou mesmo do prefixo “homo”.

5 Ruídos estrondosos

Esta ampliação dos critérios, associada ao intercâmbio de textos e sugestões de leituras com outros pesquisadores, possibilitou-me chegar até ao artigo assinado por Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior e Victor Andrade Melo (1996)²⁵, que traz menção à homossexualidade em seu título: *Homossexualidade, Educação Física e Esporte: primeiras aproximações*. Provavelmente, ao tratarem de “primeiras aproximações”, os autores se valiam do duplo sentido desta proposição. Tratava-se da primeira vez que Cunha Jr. e Melo publicavam sobre o assunto, mas também anunciavam o pioneirismo do seu artigo para a o campo da Educação Física.

Em consonância com as afirmações expressas capítulos acima, Cunha Jr. e Melo, diagnosticam uma proliferação da bibliografia sobre sexualidade e homofobia, no entanto alertam sobre o fato de que um pequeno quinhão dessa constelação parece emanar da produção científica do campo da Educação Física.

Neste texto, registra-se a ocorrência mais antiga de um conceito de homofobia, dentre os textos pesquisados, ali entendida como “[...] o medo de sentimentos de amor por indivíduos do próprio sexo e, por conseguinte, o ódio desses sentimentos em outras pessoas [...]” (LORDE apud CUNHA Jr. e MELO, 1996, p. 20). Coerentemente, os autores também se amparam na idéia de heterossexismo como:

“[...] a visão que a heterossexualidade é a norma para todas as relações sociais/sexuais [...] a institucionalização da heterossexualidade em todos aspectos da sociedade – incluindo a discriminação legal e social contra homossexuais e a negação dos direitos homossexuais enquanto interesse político.” (LENSKYJ apud CUNHA Jr. e MELO, 1996, p. 21).

Completando a tríade de conceitos essenciais ao texto, definem homossexualidade como “variações sobre um tema central: indivíduos do mesmo sexo que estabelecem relações sexuais e afetivas” (CUNHA Jr. e MELO, 1996, p. 19, *Grifos Meus*). Tais conceituações explicitam a pressuposição de uma base biológica sobre a qual se constitui a inteligibilidade dos desejos e práticas sexuais, já que partem da existência de pessoas do “mesmo sexo” e de sexos diferentes ou opostos. Confrontadas com o ideário da performatividade, denotam um movimento

²⁵ CUNHA, Carlos Fernando Ferreira Jr. e MELO, Victor Andrade, op. cit., p. 5.

estabilizador dos sujeitos enquanto homossexuais ou heterossexuais, ainda que, em determinadas passagens do tratamento dedicado ao tema da homossexualidade – “variações sobre um tema central [...] não existem verdades absolutas estabelecidas acerca da homossexualidade [...] produções historicamente situadas, social e culturalmente estabelecidas” (1996, p. 19) - apontem, paradoxalmente, para o caráter inexato, heterogêneo e relacional destas tipologias.

Cunha Jr. e Melo propõem-se a problematizar preconceitos e discriminações que envolvem “homossexuais masculinos” no âmbito da educação física e do esporte. A partir da análise qualitativa de 10 entrevistas com homens que se auto-intitulam homossexuais, constatam que a educação física escolar e as atitudes de docentes, ora ostensivamente discriminatórias, ora omissas, foram as principais responsáveis pelo afastamento daqueles sujeitos de quaisquer práticas esportivas, tanto no período escolar, quanto depois dele.

Porém, mesmo balizados por conceitos e categorizações um tanto quanto restritivas, Cunha Jr. e Melo desenvolvem discussões que descortinam imbricações entre a homofobia, a heteronormatividade, a Educação Física e o esporte.

Recuperando as relevantes associações historicamente estabelecidas entre homossexualidade e o imaginário das patologias, os autores questionam o papel desempenhado pela Educação Física neste arranjo e anunciam a hipótese de que esse campo profissional e acadêmico há muito tem colaborado na perpetuação de preconceitos e discriminações relacionadas às sexualidades. Cunha Jr. e Melo citam trecho de uma obra de Inezil Pena Marinho, “Teoria da Transfiguração, uma Teoria para o Jogo”, de 1953, em que a Educação Física é apresentada como dispositivo de caráter curativo para um distúrbio psíquico denominado “transfiguração sexual”:

“[...] para evitar que instinto da transfiguração nas suas manifestações mais intensas e negativas, possa eclodir [...] trazendo conseqüências, as vezes, desastrosas, imperioso se torna propiciar a criança múltiplas oportunidades que funcionam como verdadeira válvula de segurança” (MARINHO apud CUNHA Jr. e MELO, 1996, p. 20).

Ao trazerem exemplos de como a Educação Física atuou como “válvula de segurança”, como meio de localização, tanto de sujeitos normalizados, quanto desparatados, os autores discutem o esporte como propagador da dinâmica heterossexista.

Agressões físicas e verbais, comportamentos omissos de docentes e treinadores aparecem nos discursos dos entrevistados como responsáveis por afastamentos das práticas esportivas, pelo

desapreço para com a Educação Física e pelo abandono de locais como academias e outros ambientes de treinamento.

"[...] esses comportamentos homofóbicos acabam por relegar aos homossexuais um plano diferenciado, que os fazem esconder seus sentimentos e sua forma de ser, já que temem os diversos tipos de agressão. Temem também que sua carreira esportiva (para os atletas de alto nível) ou sua participação nas brincadeiras do grupo sejam prejudicadas [...]" (1996, p. 22).

Esta constatação coaduna-se com o que Liotard (2003) chamou de “dupla cultura do silêncio”: a temática da homossexualidade é excluída dos espaços e os homossexuais são incitados a permanecer em silêncio. Neste sentido é que Cunha Jr. e Melo afirmam que muitos homossexuais “são mesmo levados a apresentarem ‘credenciais heterossexuais’, como uma relação forjada ou não desejada com indivíduo do sexo oposto” (1996, p. 22). Isto porque, entre sustentar a permanência de atletas com performances de excelência em qualquer nível e arcando com declarações públicas de não-homossexualidade e desenvolver mecanismos de silenciamento sobre a temática, os esporte tem optado pela segunda via. Quando ela falha, entram em cena dispositivos de exclusão.

“[...] é bem fechado [...] se eu quiser ir remar, ser um atleta do remo e assumidamente gay, não vai dar certo [...] ou eu vou ter que me camuflar, me esconder, para ser um atleta do remo, que faz, que treina com os outros heteros, para ser um desportista, ou eu não vou poder fazer remo. (ENTREVISTADO 2 apud CUNHA Jr. e MELO, 1996, p. 22).

Recuperando Lenskyj (1991), os autores aproximam a homossexualidade e a feminilidade como espaços referenciados negativamente “[...] o grande desafio das mulheres no esporte é ocupar um espaço legitimado enquanto um espaço masculino. Na verdade, elas não são aceitas como mulheres, mas sim como ‘homens honorários’ [...]” (1996, p. 23).

O fenômeno esportivo, diferenciado de outras práticas “pré-modernas”, segundo Guttmann (1978), pela intensificação dos processos de secularização, burocratização, racionalidade e quantificação de seus procedimentos, pelo estabelecimento do dispositivo do recorde e pela condição de igualdade de condições que confere aos jogadores é apresentado como espaço modelar de masculinidades, que rechaça efeminações, naturaliza comportamentos e experiências de gênero.

Ainda cabe ressaltar, o movimento crítico realizado pelos autores ao problematizarem ações voltadas para criação de espaços esportivos destinados exclusivamente para homossexuais, como Olimpíadas Gays. Cunha Jr. e Melo valorizam tais iniciativas como lugares possíveis de inserção de "homossexuais" e como movimentos que contribuem, em alguma medida, para o combate à discriminação, mas também reconhecem sua dimensão discriminatória, por se tratar de um processo guetificante, isolador, que reforça diferenças e identidades estanques e procura adequar performances múltiplas à norma hegemônica. Como afirmam dois de seus entrevistados:

“[...] é uma coisa interessante porque você mostra para o mundo que o gay é uma pessoa normal, a única diferença é que gosta de fazer amor com pessoas do mesmo sexo.” (ENTREVISTADO 7 apud CUNHA Jr. e MELO, 1996, p. 22)

“[...] eu acho que é uma discriminação também. Porque não tinha que ter olimpíadas gays, tinha que ter olimpíadas e os gays poderiam participar das olimpíadas. Independente de opção, de determinação sexual.” (ENTREVISTADO 5 apud CUNHA Jr. e MELO, 1996, p. 22).

Em artigo intitulado “Educação Física e Homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos da UFSC”, Marcelo Victor da Rosa²⁶ apresenta uma síntese de sua dissertação de mestrado, em que problematiza as representações sociais de professores/as em formação no curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, em relação à homossexualidade.

O autor reconhece, no percurso de formação educacional que analisa, algumas vivências teórico-práticas como “interferências positivas, no sentido de entender, problematizar e trabalhar pedagogicamente com diferenças, em especial a homossexualidade” (2002, p. 123), mas conclui que tais iniciativas, não provocaram a superação de “representações sociais negativas associadas a homens e mulheres que se relacionam sexualmente com outros/as sujeitos/as do mesmo sexo” (2002, p. 129). Se estas afirmações, nada otimistas, fundamentam-se em noções naturalizadoras do sexo, aproximando sua argumentação de um ideário marcado por identidades sexuais imobilizadas, em outros momentos, Rosa parece deixar-se afetar por deslocamentos que o campo (entrevistas e acompanhamento de aulas) e o diálogo com a bibliografia que trata de sexualidade lhe trouxeram.

“[...] muitos casos e falas, me mostraram que a realidade, por mais que você a conheça, é dinâmica, e esse movimento não é tão claro de se perceber, pois exige um treino do

²⁶ ROSA, Marcelo Victor, op. cit., p. 5.

olhar mais atento para não perder os dados provenientes das subjetividades e ambigüidades das relações humanas e principalmente da sexualidade humana” (ROSA, 2002, p. 125).

Ao discutir as respostas que recolheu junto aos entrevistados – alunos de primeira e sétimo semestres do curso de Educação Física da Federal de Santa Catarina – o autor identifica dois tipos de manifestações homofóbicas: uma escamoteada sob a forma de “brincadeiras” e outra, que Rosa nomeou de “velada”, associada à idéia de “respeito”.

“[...] o preconceito no CDS (Centro de Desportos) é vinculado sob a forma de “brincadeira, entendida em seus aspectos não intencional, seria algo ‘não verdadeiro’, ou seja, quando se diz para alguém que essa pessoa é ‘bicha’, ‘viado’, ‘gay’, realmente não se estaria associando o sujeito a uma possível homossexualidade. Isto seria apenas uma brincadeira, que segundo eles (os estudantes), seria dita apenas aos heterossexuais e não aos homossexuais” (ROSA, 2002, p. 127).

Rosa rebate esta afirmação conclamando um conceito de brincadeira que destitui o termo de qualquer pretensão de neutralidade, considerando-a como “uma forma intencional de transmissão de valores” (2002, p. 125) e chamando a atenção para a ligação entre homossexualidade e negatividade, ironia e violência simbólica das respostas que obteve em campo. Referindo-se ou não a heterossexuais, os vocábulos escolhidos para nomear colegas possuíam uma carga depreciativa na intencionalidade e eram todos compreendidos naquele ambiente, como sinônimos de “homossexual”.

Ao tratar da “homofobia velada”, Rosa explica como muitos estudantes valiam-se da justificativa de “respeitar a homossexualidade” para manterem-se distantes física e afetivamente daqueles dos quais suspeitavam. Segundo o autor, “os homossexuais seriam considerados portadores de uma sexualidade incontrolável e impulsiva” (ROSA, 2002, p. 128), prestes a ultrapassar os limites da amizade. Estas considerações recuperam o imaginário das sexualidades desviantes como perigosas, porque descontroladas, mas também, em certa medida, contagiosa. Para evitar transtornos, os agenciamentos silenciam estas manifestações desparatadas ou as expõem.

Findas as referências em títulos aos vocábulos rastreados, um terceiro texto ainda soou ruidosamente. Trata-se da primeira ocorrência do prefixo “homo” e do adjetivo “homofóbico”, registrada no artigo intitulado “**Homorrivalidade**: a base emocional da violência no futebol”, de

Joaquim Bueno Zailton Motta²⁷. O autor afirma ou parte da premissa de que a violência nos estádios “empana o brilho das competições e que precisa ser combatida, mas avalia que as medidas repressivas que envolvem ações policiais e arbitragem mais rigorosa não têm se mostrado eficazes. Por isso sugere o desenvolvimento de discussões de “alguns mecanismos emocionais envolvidos nas competições para que se possa alcançar um controle mais consciente” das emoções, já que, segundo a teoria psicanalítica “é reconhecendo nossas tendências destrutivas que nos tornamos menos violentos”. (1998, p. 31). Neste sentido, Motta desenvolveu, em sua prática clínica, o conceito de homorrivalidade, que consiste no “conjunto de emoções e condutas mobilizadas pela competição entre pessoas do mesmo sexo. Tal característica seria exercida por todos os homens e mulheres ao longo da vida, de maneira mais ou menos consciente, encontrando no esporte, fenômeno fundado na competição, um espaço de manifestação privilegiado.

Apesar de reconhecer que “a masculinidade, nos homens, não é simplesmente um estado natural”, mas “uma conquista”, Motta não incorpora quaisquer aparatos teóricos que lhe permitam problematizar os corpos sexuados, os sexos biológicos. As palavras de Fausto-Sterling contrapõem-se a este paradigma essencialista:

“O sexo de um corpo é simplesmente complexo demais. Não existe o isso ou aquilo. Antes, existem nuances de diferença, [...] rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social. Podemos utilizar o conhecimento científico para nos ajudar a tomar a decisão, mas só nossas crenças sobre o gênero – e não a ciência – podem definir nosso sexo. Além disso, nossas crenças sobre o gênero também afetam o tipo de conhecimento que os cientistas produzem sobre o sexo” (FAUSTO-STERLING, 2002, p. 07).

Esta compreensão desestabilizadora da condição “natural” de machos e fêmeas talvez propiciasse outro caminho argumentativo, menos condizente com a heteronorma que os parágrafos seguintes denunciam.

Para Motta o esporte seria, graças ao constrangimento das regras que lhe é inerente, um mecanismo social potencialmente importante para a promoção do equilíbrio de nossas pulsões hostis e sexuais. O autor seleciona exemplos de falas de comentaristas narradores esportivos e de cânticos de torcidas que explicitam o caráter libidinoso e homoerótico reforçador de preconceitos,

²⁷ MOTTA, Joaquim Zailton Bueno. Homorrivalidade: a base emocional da violência no futebol. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis: v. 19, n. 2, p. 31-38, jan. 1998.

estereótipos heirarquizados e hierarquizadores: “E agora que levaram 4 paus no cu? Sentiram o tamanho do pau do Verdão? Varão verde treme de tesão de comer o cu do Coringão” (2002, p. 34).

Nesta altura, a argumentação de Motta aproxima-se dos esforços que desvelam as relações das manifestações esportivas e os mecanismos estruturantes de um imaginário falocêntrico e homofóbico.

Um movimento de distanciamento da compreensão empreendida nesta pesquisa acontece na medida em que Motta confere um caráter desestabilizador da ordem homofóbica à tomada de consciência por homens e mulheres de sua “natureza homorrival”.

“Quando, por exemplo, no gênero masculino, um sujeito, que pensava jamais ter vivido uma conduta homossexual, descobre que participa de condutas homorrivais, a partir daí, ele poderá se enganar menos, percebendo-se mais próximo da homossexualidade **sem comprometer sua masculinidade**...por outro ângulo, quando um homem se considera menos másculo porque teve experiências homossexuais, ao compreender que elas se deveram, pelo menos parcialmente à homorrivalidade, a partir daí **ele poderá rever sua auto-imagem, sentindo-se muito menos longe da heterossexualidade**”. (2002, p. 35) (Grifos meus).

Estes trechos revelam limitações da cruzada anti-homofóbica de Motta, já que sua aposta na conscientização da condição homorrival, reafirma a masculinidade em oposição à homossexualidade e reitera a positivação da heterossexualidade, ao mesmo tempo em que desvaloriza a conduta homossexual. A homossexualidade aparece, ainda que de maneira sinuosa, como comprometedora da masculinidade e configuradora de auto-imagens negativas. Se a homossexualidade é assim constituída em uma sociedade heteronormativa, o dispositivo da homorrivalidade serviria, não para desestabilizar esta matriz, mas para reposicionar os sujeitos em espaços de normalidade e de abjeção. Ao invés de “[...] diminuir a importância tradicional das diversas polarizações em que estamos acostumados a conviver [...]” (p. 35), este artifício as sedimentaria.

Na seqüência, Motta elabora uma série de sugestões desmobilizadoras da violência nos estádios. Dentre elas, algumas são caras às problematizações desta pesquisa, como o incentivo à criação de concursos, com premiação para “[...] o melhor estribilho, a melhor trova ou verso ou a melhor gozação ou piada a respeito do adversário [...]” (p. 36). Na esteira da análise feita acima, tais ações contribuiriam para a manutenção das dicotomias hierarquizadas positivadoras da heteronormatividade.

Na contramão desta argumentação, Philippe Liotard (2003) e Scharagrodsky (2006) discutem a afirmação de identidades coletivas sobre a depreciação de outras. Nesta retórica de afrontamento, a afirmação da supremacia heteronormativa passa pelo questionamento da heterossexualidade dos adversários através de múltiplos mecanismos, dentre os quais se encontram os jogos de insultos. Nesse sentido as manifestações de homorrivalidade participariam na difusão e no reforço do modelo da retidão corporal e sexual, ao fazer a apologia tanto da virilidade quanto da heterossexualidade.

Por fim, o autor sugere políticas de incentivo à presença de mulheres nos estádios como uma medida de heterossexualização daqueles espaços e, conseqüentemente desestimulação das condutas homorrivais violentas. Esta argumentação assume coloração ainda mais afeita à consubstanciação dos espaços estanques de sexo, gênero e desejo, quando o autor emite a seguinte ressalva:

“[...] Para que desse certo, seria importante que ela (a mulher) não se ‘uniformizasse’, para não ficar ‘igual’ aos outros guerreiros homorrivais. Ou, então, que tenha com algum deles um vínculo afetivo, sendo namorada, esposa ou parente [...]” (MOTTA, 2002, p. 37).

6 Escutando o entredito

Seca a fonte de ocorrências diretas do tema em títulos e resumos, era preciso realizar um movimento que se tornou habitual ao longo deste processo: buscar ouvir além. Este exercício permitiu a emergência dos ruídos provenientes da atenção para termos correlatos, imprescindíveis para a compreensão do fenômeno homofóbico como: “mulher(es)”, “homem(ns)”, “gênero”, “masculinidade(s)” e “feminilidade(s)”, “preconceito(s)”, “sexualidade(s)”, “estereótipos sexuais”, “discriminação”, “identidades sociais”, entre outros sinônimos ou variações. Tais palavras, quando encontradas nos títulos de quaisquer dos textos, levaram à análise de seus respectivos resumos e à leitura de textos completos.

Contudo, artigos que fazem menção a “preconceito” ou a “sexismo” ou a estereótipos masculinos e femininos, mas que tratavam destes fenômenos no ensino de dança ou em jogos e cantigas populares, por exemplo, foram descartados. Também aqueles que versavam sobre preconceito racial ou discriminações desligadas da sexualidade, foram postos de lado. Era preciso que houvesse uma aproximação com o conceito de homofobia, fosse direta ou indiretamente - através de idéias correlatas - mas que, necessariamente, tivessem também o esporte como tema.

Foram selecionados e lidos integralmente, além dos três textos discutidos no capítulo anterior, 125 artigos completos, que cujos títulos, resumos ou palavras-chave atinassem a escuta para indícios mais ou menos diretos acerca da homofobia no esporte ou para os silêncios, as ausências ou as expectativas sobre a temática. A análise detida de todas as ocorrências e ausências, nem se mostrava materialmente viável, tampouco se fazia necessária, tendo em vista que a discussão aqui proposta não se pretende totalizante. Não se trata de elencar e discutir todas as referências explícitas e implícitas à homofobia nas discussões sobre esporte registradas nas fontes selecionadas, mas sim problematizar as relações entre dispositivos da homofobia e do esporte que emanam de tais fontes, procurando perceber os movimentos desta temática na produção da Educação Física brasileira. Um esforço de síntese e seleção de exemplos mostrou-se o caminho mais viável para veiculação de um diálogo analítico com o imenso material recolhido.

Além de textos ou passagens que problematizavam questões afeitas a sexo, gênero ou desejo, ainda que pelas interdições que possibilitava perceber, surgiram alguns exemplos de manifestações de caráter discriminatório.

Em uma crônica publicada já no primeiro número da RBCE (1979), Osmar Pereira Soares de Oliveira²⁸ descreve e analisa metaforicamente o primeiro ano de atividades do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), entidade científica responsável pela publicação da revista em questão. A metáfora escolhida fora o nascimento e desenvolvimento de um bebê que completava um ano de idade. Recheado pelo discurso da normalidade, ora para confirmar a retidão do nascituro, ora para evidenciar sua superioridade, masculinidade e virilismo, o texto buscava afastar qualquer traço de abjeção associado a feminilidades e fragilidades. Em uma passagem, o autor discorre que: “[...] Com 90 dias, sujava as fraldas apenas o necessário... Não tinha exageros. Reclamava quando lhe ameaçavam colocar fitilhos, bordados rendas e paetês. Dava-se melhor com o algodão e a chita [...]” (Oliveira, 1979, p. 72).

O CBCE nascia, assim, sob o signo da macheza. Exageros e frescuras não eram bem vindos e a menção à feminização precisava ser, desde então, afastada. O presente do primeiro natal que o bebê recebera, por exemplo, foram envelopes com seu nome, algo que marcava seu destino para a esfera pública da vida, aquela reservada aos homens. Em outro trecho, o autor narrava que o rebento ouvia desde bem novo o “vocabulário científico”, relacionado à performance física e aos métodos de pesquisa das ciências naturais/duras e para orgulho de todos, constituía-se em um “pequeno gigante” de “capacidade aeróbia notável”, como todo garoto deveria ser. Como afirma Butler (2003), um jogo complexo de determinações atrela os corpos separados dicotomicamente em machos e fêmeas a expectativas de comportamentos de gênero também binarizadas (masculinas e femininas) e a ordenamentos do desejo compulsoriamente heterossexuais. Do CBCE, macho filho da ciência, esperava-se comportamentos que os acadêmicos da seara esportiva do final dos anos 1970 entendiam como masculinos, dentre eles, obrigatoriamente a heterossexualidade e a rejeição à homossexualidade ou a qualquer “frescura” que pudesse abalar esta concatenação entre sexo, gênero e desejo.

Na edição seguinte, no artigo “Personalidade de Atletas – Uma Revisão de Literatura”, publicado por Sandra M. Cavasini, V. K. R. Matsudo e S. Cazelatti²⁹, em janeiro de 1980, ocorre a primeira menção explícita à heterossexualidade. Este texto dispõe uma brevíssima compilação de estudos realizados fora do Brasil e que discutem as relações entre os traços de personalidade e

²⁸ OLIVEIRA, Osmar Pereira Soares. Crônica Esportiva. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Caetano do Sul, v. 1, n. 1, p. 72 - 73, set. 1979.

²⁹ CAVASINI, Sandra M.; MATSUDO, Victor K. R.; CAZELATTI, Sonia. Personalidade de Atletas – Uma Revisão de Literatura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Caetano do Sul, v. 1, n. 2, p. 09 - 13, jan. 1980.

atividades físicas, mais especificamente as esportivas e tece críticas ao corpo bibliográfico no qual se centrou, questionando os procedimentos metodológicos e as inferências conclusivas que muitos deles apresentam. Os autores recuperam uma pesquisa norte-americana na qual o autor observara que as universitárias praticantes de esportes individuais teriam maior “grau de heterossexualidade” quando comparadas às praticantes de esportes coletivos. Se, por um lado, denota-se a presença da discussão sobre identidades sexuais nas práticas esportivas, e publicações estrangeiras, e algum nível de receptividade da academia brasileira para esta produção científica, pesquisas semelhantes não ocupariam as páginas dos Anais e revistas analisados durante esta investigação. Em texto que abre os Anais do II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte³⁰, assinado pela ADIDAS, empresa fabricante de artigos esportivos patrocinadora do evento, aparece afirmação explícita que expressa a crença de que a competição esportiva “é imune às influências de raças, credos religiosos ou ideológicos, une e aproxima os povos, não só do nosso país, mas do mundo todo” (p. 03). Entendia-se o esporte como espaço imaculado, livre destas perversões sociais e as ciências do esporte como campo de estudos de temas distantes destas questões? A pesquisa em Educação Física não naturalizaria a sexualidade, nem interditaria assuntos relacionados aos desvios de sexualidade? Ou elaborar-se-iam, nesta área do conhecimento, outros discursos tanto reiteradores quanto desestabilizadores da heteronormatividade? Muitas manifestações levam a pensar na última hipótese como corriqueira.

Deste universo de indícios, em que desvelam-se relações entre homofobia e esporte, evidencia-se uma predominância de ocorrências nos artigos que discutem as relações de categorias como “mulheres” e “estereótipos sexuais” que precederam a emergência do “gênero”, em sua acepção relacional.

Como evidenciaram Eustáquia Salvadora de Souza³¹, em “A produção Acadêmica Brasileira sobre gênero aplicado à Educação Física”, no início da década de 1990, Agripino Alves Luz Junior³², em “Gênero e EF: o que diz a produção teórica brasileira dos anos 80 e 90?”, em 2001 e Renata Duarte Simões, em “Gênero na EF: reconstituindo a história de um conceito”, em 2003, os trabalhos em educação física centrados na temática de “gênero” têm se tornado cada vez mais numerosos.

³⁰ II CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 2., 1981, Londrina. Anais do II COMBRACE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Londrina: suplemento 1, set. 1981, p. 03.

³¹ SOUZA, Eustáquia Salvadora. A produção Acadêmica Brasileira sobre gênero aplicado à Educação Física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Belém: v. 15, n. 1, p. 83, set. 1993.

³² LUZ, Agripino Alves Jr.. Gênero e EF: o que diz a produção teórica brasileira dos anos 80 e 90? In: **Anais do XII COMBRACE**, Caxambu, 2001.

Nos trabalhos de Elaine Romero³³ e mesmo de Maria do Carmo Saraiva Kunz³⁴, a crítica sexista não estabelece conexões explícitas entre aspectos biológicos, as configurações de masculinidades e feminilidades e as expressões do desejo no esporte e nas aulas de Educação Física, lançando bases para a compreensão da inteligibilidade da sexualidade fundada na biologia. Para Kunz, “[...] na Educação Física tradicional é o corpo biológico do indivíduo que tem marcado seu ‘grupo cultural’, separando, portanto, homens e mulheres [...]” (1994, p. 247). Neste sentido, Romero afirma que este campo foi sempre discriminatório “[...] mantendo os papéis sexuais distintos e determinados, caracterizando os comportamentos tipicamente masculinos e femininos, a serviço de uma ideologia sexista [...]” (1994, p. 229). Gênero ainda era entendido como o arranjo de construções sócio-culturais sobre uma base biológica. Como nos mostra Louro, esta concepção binária de sexo, sobre a qual se edifica a cultura, impõe “[...] limites à concepção de gênero e torna a heterossexualidade o destino inexorável, a forma compulsória de sexualidade [...]” (2004, p. 81).

São muitos os exemplos de análises que trazem reflexões a respeito do entrelaçamento da Educação Física e do esporte em projetos de formação de pessoas heterossexuais. Em alguma medida, a preparação de moças para a maternidade, evidenciada por Silvana Goellner³⁵ em “A Revista Educação Physica (1932 – 1945) e o embelezamento da mulher”, os discursos médico-científicos recolhidos por Sebastião Votre e Ludmila Mourão³⁶ nos artigos “Maria Lenk como um ícone Latino-Americano no Esporte” e outros analisados pela mesma Ludmila Mourão³⁷ no texto “Representação Social da Mulher Brasileira nas Atividades Físico-Desportivas: de 1870 a 1950”, ou as recomendações de Aluísio de Azevedo às mulheres, “responsáveis primordiais na criação

³³ ROMERO, Elaine. A Educação Física a serviço da ideologia sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, v.15, n.3, p.226-234, jan.1994.

³⁴ KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. O gênero: confronto de culturas em aulas de Educação Física. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Santa Maria, v.15, n.3, p. 247-252, jan. 1994.

³⁵ GOELLNER, Silvana Vilodre. A Revista Educação Physica (1932 – 1945) e o embelezamento da mulher. XI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 11., 1999, Florianópolis. Anais do XI COMBRACE “Educação Física/Ciências do Esporte: Intervenção e Conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis: v. 21, n. 1, caderno 3, set. 1999, p. 1335 - 1340

³⁶ VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila. Maria Lenk como um ícone Latino-Americano no Esporte. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança – Memórias e Descobrimientos: 500 Anos de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança no Brasil**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, p. 377 - 383, 2000.

³⁷ MOURÃO, Ludmila. Representação Social da Mulher Brasileira nas Atividades Físico-Desportivas: de 1870 a 1950. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança – Memórias e Descobrimientos: 500 Anos de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança no Brasil**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, p. 384 - 389, 2000.

de novos seres” (p. 251), contidas no texto “Aluízio de Azevedo e a Educação (Física) Feminina”, de Leopoldo Gil Dulcio Vaz e Delzuite Dantas Brito Vaz³⁸ e nas considerações de Ana Júlia Pacheco e Carlos Ferreira da Cunha Junior³⁹ em “A Produção do Conhecimento na Educação Física/Esporte na Década de 1930 no Brasil: em busca de resistências às concepções higienistas e eugênicas sobre a mulher”, são exemplos de pesquisas publicadas contemporaneamente e que analisam, no campo da história discursos diversos que permitem compreender parte dos esforços em associar práticas esportivas à heterossexualidade e à procriação.

Nos Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física (CNHELEFD), os textos de Silvana Vilodre Goellner⁴⁰, “As Mulheres e as Práticas Corporais e Esportivas no Início deste Século: Beleza, Saúde e Feminilidade”, de Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior⁴¹, “A Produção Teórica Brasileira da Educação Physica/Gymnástica no Século XIX: Questões de Gênero” são exemplos marcantes de como as discussões que encaram as questões de gênero sob o viés discriminatório estão próximas daquelas que tratam de homofobia. Segundo Cunha Junior, no contexto higienista, preponderante no arranjo social brasileiro no final do século XIX e início do século XX, a garantia da não degeneração da raça passava também pela coibição de “efemenidades” masculinas e virilidades femininas, aspectos centrais da definição identitária de todos aqueles e aquelas considerados sexualmente desviantes. Desta forma, promover a eugenia, significava, necessariamente, desautorizar, desestimular e contrapor-se a manifestações que divergissem de uma matriz heteronormativa, evitando a maculação das imagens mais tradicionais de masculinidade e feminilidade, associadas ao desejo nomeado heterossexual, que, em geral, cumpre suas funções procriativas. As mulheres, segundo Goellner

³⁸ VAZ, Leopoldo Gil Dulcio; VAZ, Delzuite Dantas Brito. Aluízio de Azevedo e a Educação (Física) Feminina. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança – Memórias e Descobrimientos: 500 Anos de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança no Brasil**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, p. 250 - 255, 2000.

³⁹ PACHECO, Ana Júlia e CUNHA Jr., Carlos Ferreira. A Produção do Conhecimento na Educação Física/Esporte na Década de 1930 no Brasil: em busca de resistências às concepções higienistas e eugênicas sobre a mulher. In: **Anais do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG/EEF, p. 132-148, 1996.

⁴⁰ GOELLNER, Silvana Vilodre. As Mulheres e as Práticas Corporais e Esportivas no Início deste Século: Beleza, Saúde e Feminilidade. In: **Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física – caminhos, meios e estratégias para o desenvolvimento da pesquisa do esporte, lazer e educação física**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho/IHGB/INDESP, p. 153-160, 1998.

⁴¹ CUNHA, Carlos Fernando Ferreira Jr. A Produção Teórica Brasileira da Educação Physica/Gymnástica no Século XIX: Questões de Gênero. In: **Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física – caminhos, meios e estratégias para o desenvolvimento da pesquisa do esporte, lazer e educação física**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho/IHGB/INDESP, p. 146-152, 1998.

(1998) eram incumbidas de uma tríplice missão: deveriam manter-se belas, femininas e aptas a garantir futuras gerações saudáveis à nação. Para Miskolci, esta heterossexualidade hegemônica, masculinizada e masculinizante, virilizada e virilizante assume caráter compulsório em nossa sociedade, constituindo-se como “[...] base de toda uma ordem que beneficia com poder os homens que subordinam as mulheres e não se relacionam amorosamente com outros homens[...]” ou como “[...] meio privilegiado de socialização [...]” e “[...] regime de verdade em que as pessoas são reconhecidas, aceitas e inseridas nas principais instituições sociais [...]” (2007, p. 51).

Na medida em que as discussões de gênero incorporam as dimensões relacionais anunciadas por Scott (1995), referências à homossexualidade e ao fenômeno homofóbico aparecem.

Já nos Anais do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, um único texto, de Heloisa Turini Bhruns⁴², discorre sobre grupos sociais nas manifestações culturais do futebol e do carnaval, não fazendo menção direta à homofobia, mas descortinando observações concernentes às feminilidades e à “ambigüidade sexual”. Para a autora, “[...] o futebol pode ser visualizado [...] como um espaço sobre o qual se articulam os elementos que viabilizam a construção da identidade para grupos que vivem a cidadania em condições desiguais [...]” (1994, p. 38).

Talvez seja possível situar mulheres e pessoas marcadas por sexualidades desviantes como exemplos destes grupos. Numa tentativa de se adequarem aos comportamentos típicos do espaço futebolístico (cuspir no chão, xingar, brigar), tidos como grosseiros e masculinos, as mulheres praticantes foram e são, muitas vezes, adjetivadas de “machonas”, “paraíbas”, etc (BHRUNS, 1994). Pode-se depreender desses adjetivos apenas uma referência ao espaço nublado entre os campos das masculinidades e das feminilidades hegemônicas, mas não se pode descartar outra significação, que diz respeito à orientação homossexual do desejo das futebolistas e suas identidades lésbicas. Dizer que a mulher praticante de futebol é grosseira e daí adjetivá-la de “machona” implica, diretamente, afirmar que se trata de uma pessoa do sexo feminino menos feminina do que determina o padrão hegemônico, e aciona a concatenação de suspeitas

⁴² BRUHNS, Heloísa Turini. Futebol e Carnaval. In: **Anais do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Ponta Grossa: DEF/UEPG - FEF Unicamp Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física, p. 33-41, 1994.

desviantes da matriz heterossexual. Na lógica associativa essencialista que incita preconceitos e discriminações, "machonas" são quase homens, que podem querer ser homens, e como tais, gostar de mulheres. Qualquer que seja o encadeamento de afirmações, independente de serem falaciosas ou verossímeis, denotam, em alguma medida, homofobia, pois se constituem em tentativas de relegar essas mulheres a um tipo de umbral onde habitam seres de segunda ordem, aqueles que ousam negar as regulações heteronormativas.

Nos Anais do IV Encontro Nacional o artigo de José Geraldo do Carmo Salles, Maria Cecília de Paula Silva e Marta de Moura Costa⁴³, que discute significados históricos associados às mulheres e o futebol, já apresenta relações explícitas entre gênero e homofobia. Os autores, ao tratarem das relações entre homens e mulheres entendem que:

“[...] a ordem social inibe a participação feminina (*no futebol*), uma vez que culturalmente, ela (*a mulher*) é considerada frágil e o futebol exige características de virilidade, julgadas não pertencentes ao sexo feminino. Neste sentido fica claro, o fato de as mulheres serem rotuladas de homossexuais ao se envolverem com o futebol. Verifica-se através dos depoimentos, ser este o maior preconceito da época, a maior barreira encontrada [...]” (Salles et al, p. 259).

A instituição esportiva, especialmente o futebol de campo, aparece como um destes lugares favoráveis para a estigmatização, o receio ou a rejeição a tudo e todos que não partilham das normas e da retidão heterossexista. São expelidos, ou pra longe dos espaços esportivos, ou para iniciativas guetificantes, quem quer que se afaste de padrões do que se convencionou chamar de masculinidade, ainda que com incidência diferente entre aqueles cujos corpos possuam pênis e outros dotados de vaginas. Dos primeiros, não se aceita qualquer desvio do eixo macho-másculo-heterossexual, dos outros se espera um desvio, de fêmea-feminina-heterossexual para fêmea-masculinizada e provavelmente homossexual como garantia de excelência técnica.

Nos Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, no artigo intitulado “A Formação da Mulher Esportiva no Brasil do Início do Século XX: Perspectiva Histórica no Espaço Escolar”, Maria Cecília de Paula Silva⁴⁴ analisa a organização

⁴³ SALLES, José Geraldo do Carmo; SILVA, Maria Cecília de Paula e COSTA, Marta de Moura. A Mulher e o Futebol: Significados Históricos. In: **Anais do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG/EEF, p. 257-264, 1996.

⁴⁴ SILVA, Maria Cecília de Paula. A Formação da Mulher Esportiva no Brasil do Início do Século XX: Perspectiva Histórica no Espaço Escolar. In: **Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física – caminhos, meios e estratégias para o desenvolvimento da pesquisa do esporte, lazer e educação física**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho/IHGB/INDESP, p. 454-462, 1998.

esportiva como uma instituição que ajuda a construir uma ordenação de gênero que se centra na masculinização do corpo e da mente do homem. A partir de tal afirmação, pode-se pensar que as transgressões advindas das performances de sexualidade desviantes, sejam elas entendidas como advindas do campo do desejo ou das expressões sociais de comportamento, carregam o signo da subversão que detona a reação discriminatória. Para Silva, a instituição de classes mistas para o ensino de educação física, em uma escola mineira, no início do século, tendo no esporte um dos conteúdos programáticos trabalhados, significou uma relativização dos processos de construção e desenvolvimento de identidades masculinas e femininas naquela escola, ao passo que a realidade social circundante ainda se esforçava por padronizá-las em dois campos estanques e bem definidos.

Nem todos compartilham do otimismo da autora. Para Liotard (2003), por exemplo, o mundo esportivo, ainda eminentemente masculino, é um espaço de categorizações onde corpos masculinos e femininos raramente se misturam - salvo poucas exceções, como acontecem nos esportes equestres – e de hierarquizações que se dão mediante mensurações de performances, cujos parâmetros de excelência são recordes estabelecidos por atletas masculinos.

”A classificação histórica dos corpos, conforme esta economia da performance, coloca o modelo do macho conquistador como ideal corporal, e faz do mundo dos esportes uma espécie de clausura onde se perpetua e se difunde o patrimônio viril” (Liotard, 2003, p. 3).

Esta discussão toma vulto no artigo “Doping e Mulheres nos Esportes”, de Fabiano Pries Devidé e Sebastião José Votré⁴⁵, publicado na RBCE, em 2005. Na esteira das argumentações que articulam sexo ou corpo sexuado, gênero e desejo no universo do esporte de alto rendimento ao afirmarem, por exemplo, que “[...] quando assumem (as mulheres) compleição atlética, acima ou fora da norma socialmente correta, tendem a ser identificadas como portadoras de desvio sexual [...]” (2005, p. 126). Em outra passagem, ao tratarem do incremento do policiamento científico na caça ao doping nas Olimpíadas, desde 1966 – dois anos antes da edição dos Jogos realizados na Cidade do México – outro exemplo da operação da matriz heterossexual:

“Quando uma mulher era flagrada com um ou mais indicadores de que poderia estar dopada (diminuição dos seios, engrossamento da voz, crescimento dos pêlos,

⁴⁵ DEVIDÉ, Fabiano Pries; VOTRÉ, Sebastião José. Doping e Mulheres nos Esportes. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 123 - 138, set. 2005.

musculatura muito desenvolvida, amenorréia), passava a ser considerada suspeita em termos de orientação e identidade sexual.” (2005, p. 127).

Alguns textos trazem os exemplos das dificuldades enfrentadas por mulheres que ousaram e ousam buscar performances de excelência no esporte e que resistiram aos processos de exclusão e inferiorização. No artigo “Rompendo Fronteiras de Gênero: Marias (e) Homens na Educação Física”, Helena Altmann⁴⁶ discute como meninas de 5ª série ocuparam a quadra da escola durante o recreio para jogar futebol, resistindo às investidas dos meninos, que lançaram mão de “xingamentos” como “ô, Maria-Homem!”.

“[...] Jogar com as meninas não era um desafio para os meninos, pois um bom desempenho contra as meninas não lhes creditava qualquer mérito especial, e jogar pior do que elas era um vexame, pois ia contra a expectativa de superioridade neste universo. Desse modo, jogar com meninas representava para eles, *não* um *desafio*, mas uma *ameaça* [...]” (1999, p. 114).

A tentativa de desestabilizar aquelas meninas igualando-as a “semi-meninos” só não se traduzia em declaração explícita de homofobia para aqueles que não se atentam para suas articulações como sexismo. “[...] O envolvimento com o esporte também era lido como um indicativo do que significava ser ‘um verdadeiro menino’, ao passo que o não-envolvimento era associado à homossexualidade [...]” (1999, p. 115).

Altmann percebeu nestas atitudes, estratégias de policiamento à masculinidade e à heterossexualidade, já que a luta pelo futebol e pela quadra equivaliam à briga pela garantia de espaços onde aquelas instituições indissociavelmente se reconheciam.

Maria Regina Ferreira Costa e Rogério Goulart da Silva⁴⁷ (2002, p. 49), chamam atenção para “[...] a importância da identificação e reconhecimento, pelo docente, da influência ‘homofóbica’ no ensino como instrumento de modificação de suas práticas [...]”, afirmando de que não reforce a naturalização dos sexos ou promova atividades que perpetuem estereótipos.

Analisando manifestações da mídia impressa acerca da participação da equipe brasileira de futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, Bruno Boschilia e Sidmar dos

⁴⁶ ALTMANN, Helena. Rompendo Fronteiras de Gênero: Marias (e) Homens na Educação Física. In: **Anais do XI COMBRACE “Educação Física/Ciências do Esporte: Intervenção e Conhecimento**. 11. Florianópolis. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Florianópolis: v. 21, n. 1, p. 70-75, set. 1999.

⁴⁷ BOSCHILIA, Bruno e MEURER, Sidmar dos Santos. A Educação Física e a Co-Educação: igualdade ou diferença?. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 43 - 54, jan. 2002.

Santos Meurer⁴⁸ discutem o futebol como uma prática esportiva identitária da construção de masculinidades, que terminou por concentrar uma resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina. Às mulheres é destinada a sombra futebolística associada a preconceitos e a estigmatizações masculinizadoras (2005, p. 642). Dentre os argumentos utilizados para sua exclusão, os autores denotaram, tanto a frágil constituição física quanto a colocação em dúvida da sua feminilidade (2005, p. 643).

Essas articulações entre elementos corporais ou biológicos definidores dos campos sexuais (macho com pênis/fêmea sem ele) e os marcadores de gênero (elementos que demarcam os campos masculino/feminino) aparecem relacionadas a uma heterossexualidade compulsória, relegando seus desviantes entre eles as mulheres, homossexuais ou não, ao domínio da depreciação e da exclusão.

Em outro artigo, publicados também nos Anais do COMBRACE de 2003, Flávia Fernandez⁴⁹ recupera uma afirmação de Guacira Lopes Louro que corrobora a argumentação acima explicitada:

“Não se pode negar que o melhor, que o esporte pode representar, especialmente para um menino ou um jovem, é um valorizado símbolo de masculinidade. [...] por outro lado, ocupa-se de modo particular das meninas e afirma que os cuidados com relação à sua sexualidade levam muitas professoras e professores a evitar jogos que supõem ‘contato físico’ ou uma certa dose de ‘agressividade’. [...] Agregam-se aí outros argumentos, como o fato de tais atividades poderem ‘machucar’ os seios ou órgãos reprodutores das meninas” (LOURO apud FERNANDEZ, 2005, p. 2129)⁵⁰.

Dos discursos sobre masculinidades também emanam múltiplos indícios. Pablo Ariel Scharagrodsky, no artigo “Los Graffitis y los Cánticos Futboleros Platenses: o acerca del proceso de configuración de diversas masculinidades”, publicado na RBCE em 2002, problematiza a grafiteagem a respeito de futebol e os cânticos de torcidas platenses, como “práticas sociais que contribuem para configurar uma certa masculinidade associada com a **homofobia** e vinculada a

⁴⁸ BOSCHILIA, Bruno e MEURER, Sidmar dos Santos. As manifestações discursivas sobre a participação do futebol feminino nos jogos olímpicos: afinal, quem foi a Atenas? In: **Anais do XIV COMBRACE e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte – “Ciência para a vida”**. Porto Alegre, 2005, p.641 – 650.

⁴⁹ FERNANDEZ, Flávia. Discriminação de gênero nas aulas de Educação Física. XIV COMBRACE. **Anais do XIV COMBRACE e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte – “Ciência para a vida”**. Porto Alegre, 2005, p. 2128 – 2134.

⁵⁰ LOURO, G. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

determinados valores”⁵¹. As palavras chaves selecionadas pelo autor e compiladas ao final do resumo reiteravam o encontro pioneiro: “esporte, grafiti, gênero, masculinidades, homofobia, poder” (Scharagrodsky, 2002, p. 171).

Amparado em considerações acerca dos tipos de masculinidades, o autor lança mão da análise da grafitagem e de cânticos de torcida de futebol que simultaneamente reforçam e enaltecem a heterossexualidade hegemônica de alguns e questionam a de outros.

Cânticos imprimem algum nível de regulação de masculinidades, fomentando certos comportamentos e reprimindo outros, incitando que o “homem verdadeiro” é aquele que enfrenta, que tem “bolas”, que torce por determinado time, que entende, aprecia e joga futebol. Estes processos, que podem ser entendidos como mecanismos de naturalização/essencialização de um “ser homem”, são desvendados pelo autor como tributários das relações desiguais de gênero e se ancoram na reafirmação da heterossexualidade do emissor dos versos e na privação da mesma aos seus interlocutores oponentes. Assim, em um mundo dividido entre “homens de verdade e impostores, como os homossexuais” (Scharagrodsky, 2002, p. 178), os primeiros esforçam-se para parecer fortes e másculos o bastante a ponto de impingir feminilidade, passividade, docilidade e, portanto, submissão aos demais, mesmo que cantando versos em que anunciam que penetrarão o ânus de outros homens. Para Trevisan, respaldado nas análises de Elizabeth Badinter, este é um artifício recorrente de reafirmação da virilidade, o que atesta sua condição sócio-histórica.

“[...] a virilidade [...] deve ser fabricada de açado com um referencial: o ‘verdadeiro homem’ – uma figura ilusória e utópica que o macho precisa alcançar através de deveres e proações, para mostrar que também é um. Em outras palavras, o varão ‘é uma espécie de artefato e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito. Isto torna a virilidade uma carga pesada, desde muito cedo. O macho dominante tem que estar sempre pronto a comprovar sua força.” (Sic) (Trevisan, 1998, p. 40).

Melhor então que reafirme sua condição viril impingindo seu falo à função penetrativa violando outro ser que carrega a condição de viril, e assim, castrando-o, feminilizando-o, inferiorizando-o.

⁵¹ O texto original em espanhol “[...] prácticas sociales que contribuyen a configurar una cierta masculinidad, asociada con la homofobia y vinculada con determinados valores [...]” foi livremente traduzido pelo autor desta pesquisa. Para acessar o original ver: SCHARAGRODSKY, Pablo Ariel. Los Graffitis y los Cánticos Futboleros Platenses: o acerca del proceso de configuración de diversas masculinidades. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: v. 24, n. 1, p. 173-191, set. 2002.

Neste sistema, o “ativo” (penetrador) na relação homem/homem permanece no status de homem, superior, viril, dominante, enquanto o “passivo” (penetrado) é fatalmente rebaixado para o status de bixa, inferior, afeminado, dominado. (FRY & MacRae, 1985, p. 65)

A homofobia constitui-se para Scharagrodsky, como um princípio organizador da definição cultural da virilidade, que agencia elementos de modo a manter, ainda que enfrentado as resistências de masculinidade não hegemônicas, imagens de que um homem verdadeiro que é ativo, viril e com controle das situações (2002, p. 188). Neste sentido, a problematização pioneira de Scharagrodsky, ainda que centrada no aporte das discussões de gênero, aproxima-se bastante do campo teórico que critica a articulação idéias sobre os corpos, práticas e desejos de modo a tornar inteligíveis estruturas dicotômicas e a heterossexualidade compulsória. Em suas palavras, é preciso:

“[...] ressignificar o corpo e certas partes do mesmo, a sexualidade e o desejo, a lógica binária, a diferença hierarquizada, a separação de atividades por ter um órgão sexual, as emoções e sensações, os usos do corpo no espaço e no tempo, os contatos corporais, a violência simbólica, psicológica e física [...]” (2006, p. 180).

Destes muitos ruídos colhidos junto às fontes, quando sublimadas suas expressões mais óbvias ou diretas, seleciono um, para finalizar, que recupera e problematiza o percurso metodológico desta pesquisa.

Este último ruído chegou inadvertidamente, ou melhor, fora extraído de um texto que chegou a ser analisado apesar dos critérios de seleção dos artigos insistirem em levá-lo para o grupo dos textos que não precisariam ser lidos. O título era “Frescobol no Rio de Janeiro: Interpretações Históricas”, de Renata Sá de Oliveira Figueiredo, Vera Lúcia de Menezes Costa e Lamartine Pereira da Costa⁵², integrante dos Anais do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, de 1996. Tratava-se, pois, de pesquisa histórica, de uma prática, se não propriamente esportiva, certamente esportivizada, mas sem qualquer menção no título à homofobia ou aos temas correlatos que atrairiam a atenção para esta pesquisa. Mas a palavra “frescobol”, que remetia a “fresco”, sinônimo corriqueiro de gay ou homossexual masculino irrompeu estrondosa em meio ao mar de silêncio. Tal encadeamento de idéias levou à

⁵² FIGUEIREDO, Renata Sá de Oliveira, COSTA, Vera Lúcia de Menezes e COSTA, Lamartine Pereira. Frescobol no Rio de Janeiro: Interpretações Históricas. In: **Anais do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG/EEF, p. 417-425, 1996.

leitura do resumo que discorria sobre uma história de rebeldia e transgressão atrelada a esta prática praiana. “Transgressão” e “fresco”, duas palavras caras a este trabalho conduziram à opção pela leitura do artigo que reproduz algumas hipóteses sobre a origem do nome “frescobol”. Segundo seus autores, há relatos confirmando que “frescobol” é um neologismo que reúne a palavra “fresco” e o sufixo “bol”, inventado por tenistas, e forjado informalmente como um modo de repreender e desestimular aquela prática executada por frequentadores das praias do Rio de Janeiro, na década de 1950. Isto porque tal prática começava a atrair adeptos e esvaziar as quadras de tênis dos clubes. Mais tarde, a partir de recorrentes reclamações de banhistas, iniciou-se uma severa repressão policial à prática do frescobol que se estendeu até a década de 1980 e que teve como arma, além da efetiva apreensão de raquetes e bolinhas, uma “campanha difamatória” que buscava caracterizar os praticantes como “frescos”, um sinônimo de efeminado e/ou homossexual.

8 Perguntas para logo mais

“Você não está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você pronuncia? [...]” (FOUCAULT, 1995, 20).

Talvez, respondo à pergunta. É como tenho tentado fazer, desde a dedicatória, mas se não conseguir, resta a vontade de continuar perseguindo. Chego neste ponto do desvio certo de que muito em breve será o momento de digitar reticências. Povoam meu pensamento tantas dúvidas, tão prementes que parece ser tempo de expressá-las. Antes disso, um último esforço de síntese sobre o que se disse acima.

Esta pesquisa procurou discutir possíveis relações entre homofobia e esporte, para além de suas formas mais explícitas como as exclusões, as adjetivações pejorativas ou as agressões de toda ordem, sem se esquecer delas, mas compreendendo este fenômeno também como dispositivo discursivo estruturante, propositivo e confirmador de uma ordem hegemonicamente heterossexual ou heteronormativa.

Se a palavra homofobia já circulava nos discursos populares e acadêmicos desde 1970, é somente em meados de 1990 que emerge como conceito central de análise em reflexões sobre o fenômeno esportivo, na produção científica da Educação Física Brasileira. Paulatinamente, autoras e autores deste campo de conhecimento passam a atentar-se para este encontro temático. Todavia, em comparação com outras discussões caras à Educação Física, elaborações sobre homofobia e esporte ainda são raras.

Outro aspecto relevante, diz respeito ao crescente volume de artigos que discutem a articulação entre noções de sexo, gênero e desejo como uma possibilidade de entendimento de uma ordem social que reduz a realidade, plural e dinâmica, a campos estanques, hierarquizados e legitimadores da heterossexualidade como padrão de normalidade. Neste sentido, vale dizer que os primeiros estudos sobre mulheres, feminilidade, estereótipos sexuais, ou mesmo sobre gênero, que partiam de perspectivas um tanto quanto essencializadoras da sexualidade humana, já permitiam alguma margem de realização de incursões sobre diferentes facetas discriminatórias. Porém, é de meados da década de 1990 em diante que proliferaram as pesquisas que alocaram

ainda mais suas críticas à ordem heteronormativa. Mesmo que tangencialmente, uma resistência ruidosa à heterossexualidade compulsória começa a tomar vulto no Brasil.

Este ambiente sonoro já permite afirmar que, como mecanismo engenhoso de perpetuação da ordem, a homofobia no esporte ensina quando se manifesta visivelmente – insultos de torcidas, agressões verbais e físicas, afastamentos tácitos ou explícitos de atletas assumidamente homossexuais por companheiros de times, técnicos ou dirigentes – mas também e, com uma ocorrência muito menos rara, através da imposição de uma cultura do silêncio, incitando o retraimento dos “desviantes”, a repressão às manifestações que fujam à regra e favorecendo a estigmatização e simplificação de um universo simbólico amplo e plural.

Neste sentido é que a homofobia desempenha papel fundamental na economia de controle dos corpos e das sexualidades no seio do dispositivo esportivo, porque contribui para o estabelecimento de espaços e práticas sociais diferenciados para aqueles e aquelas que se adéquam à matriz heterossexual hegemônica e a todos os demais que de alguma forma se desviam dela.

Partindo de tais constatações, surgem perguntas. Se o esporte ainda é um dispositivo extremamente eficaz de divisão e hierarquização da humanidade em categorias reducionistas como homens/mulheres, recordistas/não-recordistas, profissionais/amadores, vencedores/perdedores, ele pode se configurar em um lugar de subversão desta mesma ordem que preconiza? Em outras palavras, um espaço de determinações rígidas, das quais depende seu bom andamento e inteligibilidade pode permitir deslocamentos a ponto de solapar a estrutura que o forjou? Como seria este esporte que não distinguisse, por exemplo, homens e mulheres? Seria esporte? Em outro sentido, qual o lugar possível, no esporte contemporâneo, para as pessoas que não cabem nos campos definidos como os do macho e da fêmea, do feminino e masculino hegemônicos? Qual o nível de aceitabilidade daquelas que, nomeadas mulheres, e viris o suficiente para atingir performance de excelência em determinadas modalidades esportivas, afastam-se dos papéis de gênero feminino que anda lhes cabe? Que lugar podem ocupar aqueles que, nomeados homens, desviam-se assumindo feminilidades que mancham as masculinidades hegemônicas? E que lugar ocupa o desvio que pretensa ou realmente subvertem a compulsoriedade heterossexual? Ou ainda, na esteira da história, como têm se estruturado as manifestações homofóbicas nas práticas esportivas brasileiras?

Perguntas para logo mais...

Referências bibliográficas

ANDERSON, Eric. **In the Game: Gay Athletes and the Cult of Masculinity**. Albany, NY: State University of New York Press, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2003.

BUTLER, Judith P.. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado.: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151 – 172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CUNHA Jr., Carlos Fernando Ferreira e MELO, Victor Andrade. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações **Movimento: Revista da Escola de Educação Física**, Porto Alegre, ano III, n. 5, p. 18-24, fev. 1996.

COOKY, Cheryl. Book Review: In the Game: Gay Athletes and the Cult of Masculinity. In: **Sociology of Sport Journal**. Human Kinetics Publishers Inc., 2006, n 23, 314-323.

DEMERS, Guylaine. Homophobia in Sport: fact of life, taboo subject. In: **Journal Canadien des Entraîneures**. Ottawa: Coaching Association of Canada, v. 6, n. 2, abr. 2006.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em Duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17/18, p.09-79, 2002.

FERNANDEZ, Flávia. Discriminação de gênero nas aulas de Educação Física. XIV COMBRACE. **Anais do XIV COMBRACE e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte – “Ciência para a vida”**. Porto Alegre, 2005, p. 2128 – 2134.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 12. ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural:Brasiliense, 1985.

GREEN, James N.. **Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do Século XX.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GRIFFIN, Pat. **Strong Women, Deep Closets: lesbians and homophobia in sports.** Champaign, IL: Human Kinetics, 1998.

GUTTMANN, Allen. **A Whole New Ball Game: An Interpretation of American Sports.** UNC Press, 1978.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos; SOUZA, Nádia Geisa Silveira; GOELLNER, Silvana Vilodre e SOUZA, Jane Felipe (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas.** Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 59-69.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LIOTARD, Philippe. Sport et Homophobie. In: TIN, Louis-georges. **Dictionnaire de l'Homophobie.** Paris: Press Universitaires de France, 2003, p. 383-386.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LENSKYJ, Helen. Combating homophobia in sport and physical education. **Sociology of Sport Journal**, n. 8, 1991, p. 61 – 69.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Métodos e Fontes na História da Educação e Educação Física. In: **Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física,** Belo Horizonte, p.35-49, 1996.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização.** Campinas: COLE/Unicamp, 2007 (no prelo).

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

ROSA, Marcelo Victor. Educação Física e Homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos da UFSC. **Motrivivência: Educação Física, Esporte, Lazer e Gênero.** Florianópolis, ano XIII, n. 19, p.121-132, dez. 2002.

SCHARAGRODSKY, Pablo. Género, masculinidades y educación física: varones exitosos y varones devaluados. In: AISENSTEIN, Angela (Org.). **Cuerpo y cultura: prácticas corporales y diversidad**. Buenos Aires: Libros Del Rojas, 2006. p. 163-183.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71 – 99, jul./dez. 1995.

SILVA, Marcelo Moraes e. **Entre a ilha deserta e o arquipélago: mapeamentos e cartografias das percepções de professores(as) sobre as masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física**. 2008. 216 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. **Movimento: Revista da Escola de Educação Física**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p.125-147, set/dez.2003.

TIN, Louis-georges. **Dictionnaire de l'Homophobie**. Paris: Press Universitaires de France, 2003.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WARNER, Michael. **Fear of a queer planet: queer politics and social theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.